
FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO
15

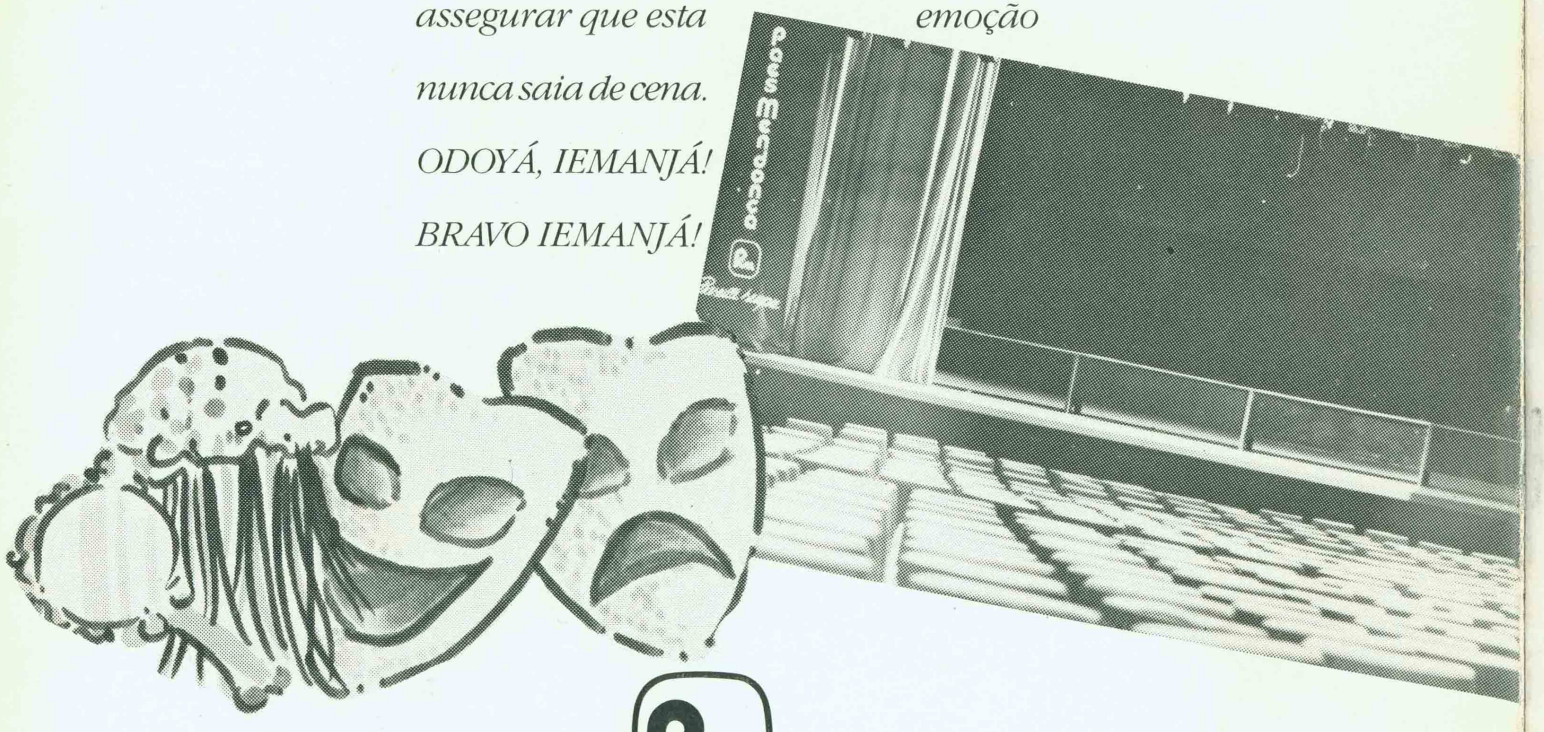
ODOYÁ, IEMANJÁ

Das "Tragédias gregas" aos textos modernos, o teatro cumpre através dos tempos importante papel na formação cultural de um povo. Na encenação do sonho ou na interpretação da realidade, o Teatro diverte, conscientiza, emociona. Hoje, graças à iniciativa privada, esta arte está garantida.

O Grupo Paes Mendonça entra em cartaz na reforma do Teatro Iemanjá, para assegurar que esta emoção nunca saia de cena.

ODOYÁ, IEMANJÁ!

BRAVO IEMANJÁ!



Paes Mendonça

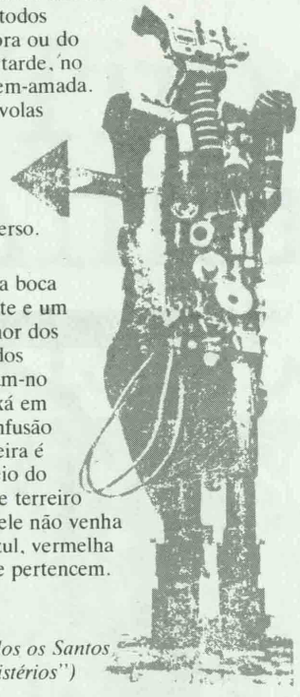
Dando mais força à cultura baiana

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arreliento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")



EXU: Escultura de Tati Moreno

15

maio/junho/1990

ISS 0103-586X

Capa: EXU, de Regina Costa

3
D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO - entrevista

12
HOLANDA CAVALCANTI
Gilberto Gil

17
MIGUEL BUSTOS CERECEDO

18
JORGE AMADO

20
ANTÔNIO RISÉRIO

21
SOSÍGENES COSTA
Gilfrancisco

26
BRENO DE CASTRO
ELIZABETH HAZIN
JORGE VIVEIROS DE CASTRO

28
ADEMIR ASSUNÇÃO
DULCE FERRERO
CLÁUDIO FELDMAN

31
EXU DOCUMENTO
"Oswald de Andrade, Candidato do Povo à Academia Brasileira de Letras/1940", palestra: de Edilene Matos

32
DONIZETE GALVÃO
LÁZARO TORRES

34
CYRO DE MATTOS
JOÃO CARLOS SALLES

36
Registro

Poster
"Encontros no Jardim", pintura de Fernando Coelho
Texto: Claudius Portugal
Fotos: Adenor Gondin

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente) Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos, James Amado, João Jorge Amado, José Carlos Capinan, Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Carlos Jorge
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impresão: Traço

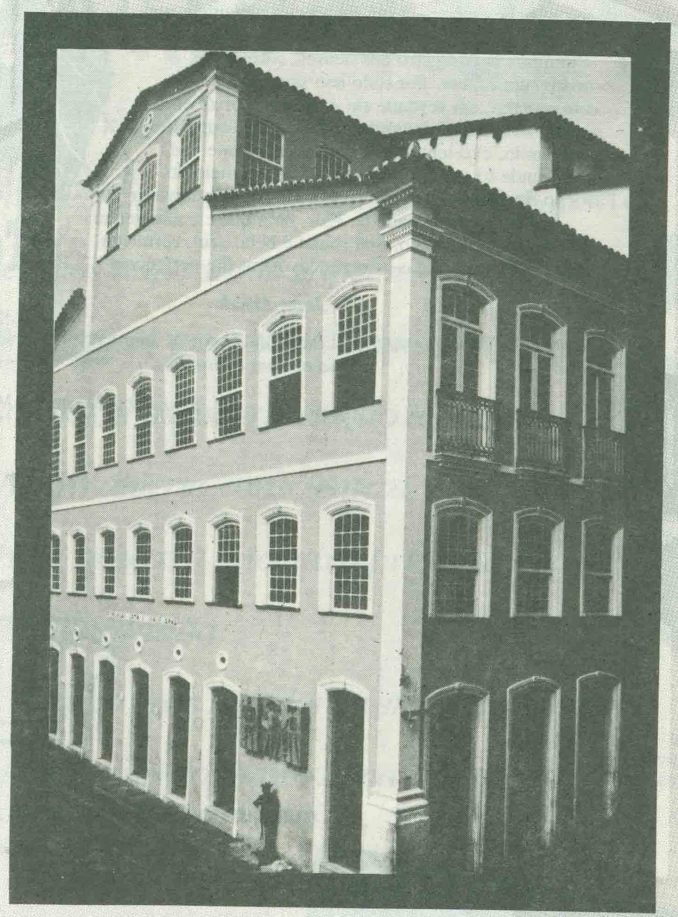
Exu é uma publicação bimestral da **Fundação Casa de Jorge Amado**
Largo do Pelourinho s/n, Salvador, Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores. Os originais não serão devolvidos. Todos os direitos de reprodução reservados.

Publicação de acordo com a Lei Federal nº 7505/86 (Lei Sarney)

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda, José Paulo Paes, Ricardo Ramos *(São Paulo)* Afrânio Coutinho, Antônio Torres, Eduardo Portella, Sonia Coutinho, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem Braga, Bella Jozef *(Rio de Janeiro)*, Paloma Amado Costa *(Brasília)*, Nádia Gotlieb. *(Minas Gerais)*, João de Jesus Paes Loureiro *(Pará)*, Marcus Acyolli *(Pernambuco)*, Sérgio de Castro Pinto *(Paraíba)*, Janaina Amado *(Goiás)*, Antônio Holhefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha *(Rio Grande do Sul)*, Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino *(Argentina)*, Isabel Allende *(Venezuela)*, Gustavo Bustamante *(Colômbia)*, Miguel Bustos Cerecedo *(México)*, Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas Colchie *(Estados Unidos)*, Alice Raillard, Francis Combes, Jean Orecchioni, René Depestre *(França)*, Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio *(Itália)*, José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro *(Portugal)*, Xela Arias *(Espanha)*, Antônio Olinto *(Inglaterra)*, Theodor Popoff *(Bulgária)*, Pavlá Lidmilová *(Tchecoslováquia)*, Kostas Assimacopoulas *(Grécia)*, Jorge Kaluguim, Vera Kuteichicova *(URSS)*, Jorge Alfama *(Cabo Verde)*, Luandino Vieira *(Angola)*, Rui Nogar *(Moçambique)*, Osamu Kumasiro *(Japão)*.

Fundação Casa de Jorge Amado — coleção 2 — DPDOC



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente:
Germano Tabacof
Diretor Executivo:
Myriam Fraga

Conselho Curador:
Adary Oliveira • Alfredo Machado • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa.

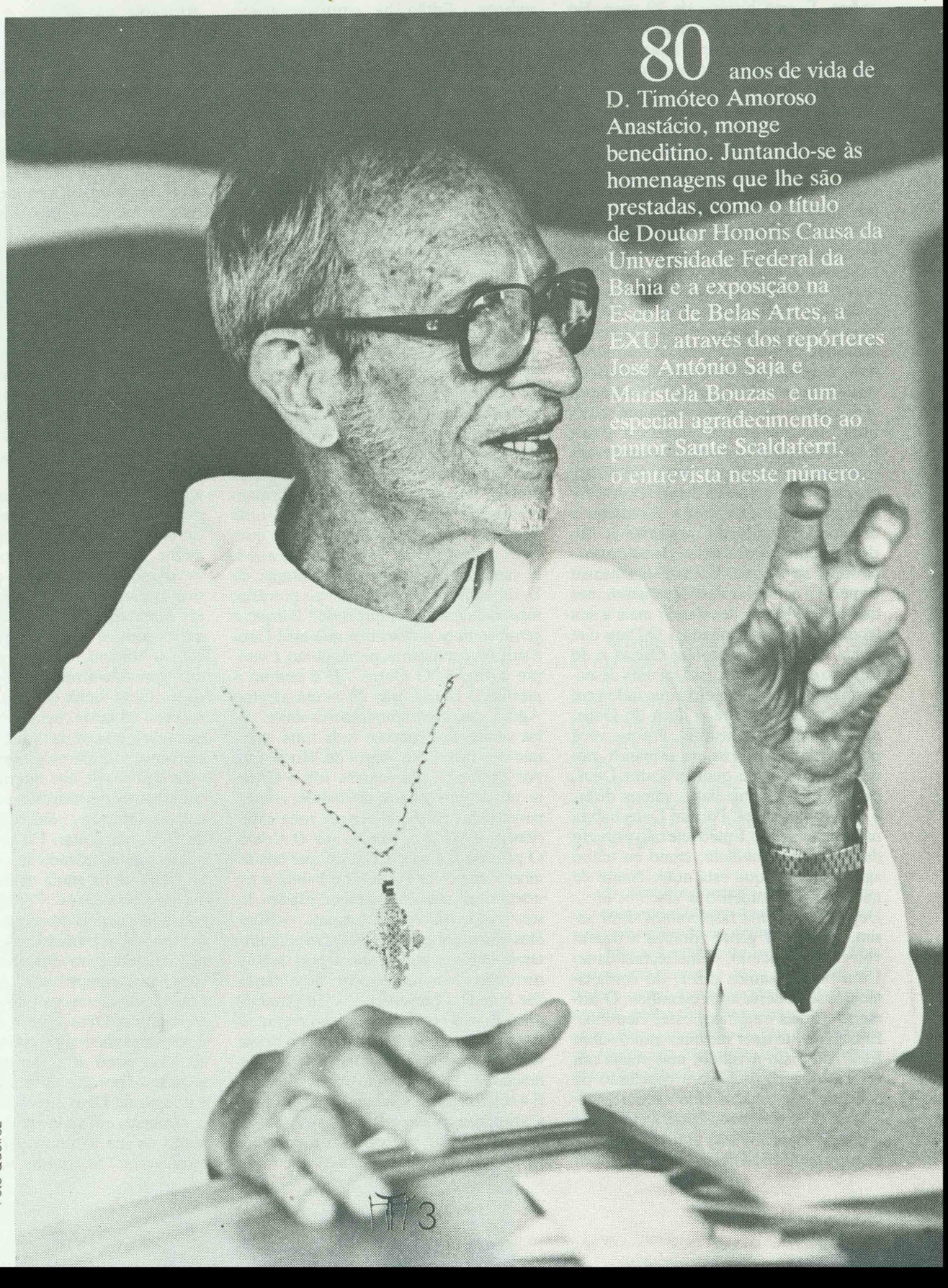
(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga • (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo • (SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Maria do Socorro Felix Borges e Silva • (Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres.

Conselho Fiscal:
Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins.

Mantenedores:
Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda • Companhia Brasileira de Alumínio
Fundação Nestlé de Cultura • Jean Luc
Lagardère • Nacional Iguatemi
Empreendimentos •
Banco Econômico S.A.• Bradesco.

Convênios
Secretaria de Educação do Estado da Bahia • Secretaria da Cultura
Fundação das Artes • Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil
- Madrid - Espanha • Fundação Internacional Liudmila Jívkova • Fundação
Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal.

D. Timóteo Amoroso Anastácio



80 anos de vida de D. Timóteo Amoroso Anastácio, monge beneditino. Juntando-se às homenagens que lhe são prestadas, como o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia e a exposição na Escola de Belas Artes, a EXU, através dos repórteres José Antônio Saja e Maristela Bouzas, e um especial agradecimento ao pintor Sante Scaldaferri, o entrevista neste número.

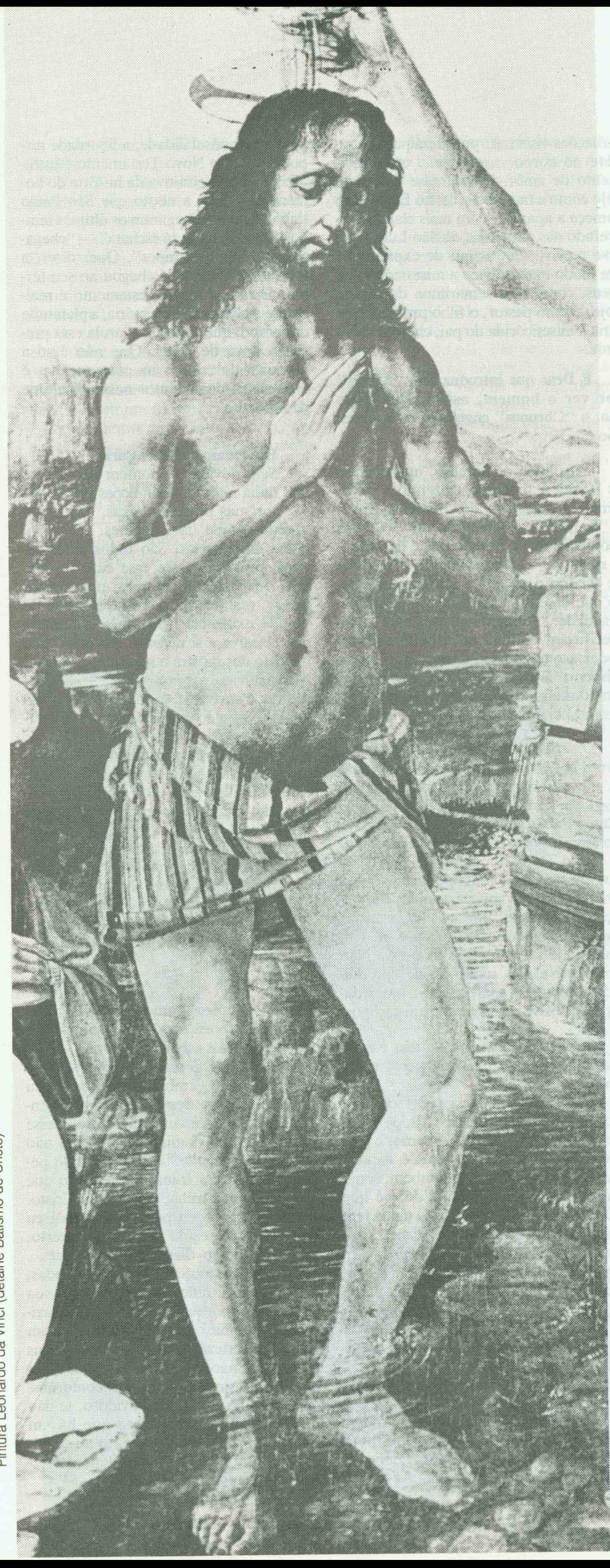
Foto Queiróz

P — Sei que as pessoas se referem muito à sua contribuição social, não é? Essa dimensão, que é importantíssima, do seu engajamento na sociedade. Mas o que eu estou procurando, aqui, é um homem mais profundo, que inclui esta dimensão. Para começar, eu gostaria de que o senhor me falasse como é que está, já se aproximando dos seus 80 anos, a sua relação com Deus; esse Deus que o senhor diz que toca flauta, que dança, que opera maravilhas. Como é que está isso aí?

D. Timóteo — É uma história muito antiga. É uma história de 79 anos, Eu nasci num meio muito religioso. Principalmente a minha mãe. Também o meu pai era um homem profundamente religioso. Hoje eu posso ver que esta história é como toda história humana. Quer dizer, ela tem uma profundeza constante, permanente. E tem suas crises, próprias do crescimento, de purificação, de ajustamento. Então, eu fico muito feliz com isso, porque me parece ser uma coisa viva essa minha relação com Deus. Um Deus moralista, dos mineiros. Mas, também, um Deus que apela para as profundezas do ser, fora das idéias, fora dos raciocínios, mas nele mesmo. E, você sabe, eu sou um procurador de Deus, um buscador de Deus. E isso define, inclusive, a minha vocação em especial. A vocação monástica; segundo São Bento, é daqueles que "Revera Deum Querumt": realmente procuraram a Deus. Esse Deus que a gente está sempre encontrando, e ao mesmo tempo descobrindo sempre de novo. Ele é um Deus escondido, e ao mesmo tempo revelado. É um conhecimento de progresso lento, chegou a um ponto, assim, de amizade... de fonte de alegria. É um Deus que eu comecei a conhecer desde pequeno, mas que foi, cada vez, revelando mais a sua face amorosa, apaixonada... O Deus que seduz. O Deus do profeta Oséias e do Cântico dos Cânticos. Isso foi uma descoberta paulatina, e eu penso que tudo vem de graça de Deus, é o dom de Deus; mas que tem uma história. Porque você pode se enganar. Há um primeiro momento, em que se quer procurar Deus, pela percepção imediata, vamos dizer, e isso é impossível. Porque Deus habita na luz inacessível. Então, ele não é objeto da percepção imediata; como eu tenho agora de você que está aqui, diante de mim, ou essa cadeira, o assento, etc... Depois, vem uma fase, vamos dizer assim, quando a gente começa a desenvolver o raciocínio, a intelectualidade. Uma busca, vamos dizer, do conhecimento, se poderia dizer científico. O primeiro é mais empírico; esse, científico. Então a gente quer racionar muito sobre Ele. Tudo isso á válido, mas chega um dia em que você chega à conclusão de que Deus não é o resultado de um teorema, de uma conclusão matemática: dois e dois são quatro. Isso aí é um conhecimento científico, e desse tipo de conhecimento... **você não entende Deus.** Então, qual é o caminho? Que, aliás, é a palavra usada por São Tomás. São Tomás não fala em demonstração, em provas da existência de Deus. Ele, fala: das quatro vias, os quatro caminhos do conhecimento de Deus pela razão. Profundo isso, não é? Eu acho que seria o tipo de conhecimento que é fundamental para o ser humano, que é o conhecimento pelos sinais. Esta é mesmo uma das formas, também, de nos conhecermos a nós mesmos e uns aos outros... Que Deus está presente e ausente... Então, há sempre uma referência a Ele. Agora, os sinais estão aí. Mas nem todos vêem **sinais.** Aliás, eu estava meditando sobre o Evangelho de hoje, que é a história do bom samaritano. Então, eu fiquei impressionado com a ocorrência do verbo ver: o sacerdote viu e passou ao **largo;** ele não enxergou. O levita viu e passou ao **largo;** cada um fechado nas suas considerações, **seus deveres,** sua vida. O samaritano viu e encheu-se de compaixão e tomou-o. Então, é esse ver que nos faz descobrir a face de Deus. Agora, isso **é muito importante, porque nós** somos, em grande parte, aquilo que nós vemos, que nós vemos e que vimos, desde menininho, sabe? A gente, posso dizer de um modo geral, de todos os sentidos, mas concentrado **no sentido da vista, que é esse** sentido mais abrangente. Somos, em grande parte, aquilo que a gente vê. Há um berço das sensações; mais abaixo desse berço, das sensações, há um eu profundo, onde, então, essas sensações se transformam como que num desenho. Então, uma imagem se formou. Tudo é sempre uma representação, mas na medida que a gente caminha na vida, a representação de Deus vai ficando cada vez mais precária, mais debilitada, compreende? Porque a gente começa a descobrir que esse Deus é surpresa constante, permanente, é sempre outro, é "O Outro". E é sempre o mesmo... Então, isso dá muita alegria! Agora, esse conhecimento dos sinais, pelos sinais, nos fornece toda uma gama que nos fala... Na Regra de São Bento, por exemplo, nos manda ver o Cristo no abade, nos irmãos, no doente, no hóspede, etc... Então, é sempre uma experiência do Cristo, **vendo; ver O Cristo.** O próprio Cristo é a chance que nós temos para ver O Pai. O Pai habita a luz inacessível, mas Ele se manifestà em Jesus Cristo. Aí você dirá assim: — Bom, mas houve aqueles que puderam ver diretamente Jesus, até mesmo depois da Ressurreição. Mas são poucos; no entanto, Ele continua presente: "— Eu estou no meio de vós até a consumação dos séculos". E um momento privilegiado dessa visão do Cristo é, evidentemente, a Celebração. E a Eucaristia, principalmente. E a celebração dos Salmos. Eu considero a grandeza deles, porque seus autores são irmãos que perceberam a presença de Deus e que a querem. A aspiração a ela, a desejam com intensidade; e interpelam esse Deus quando eles estão de mau-humor por causa da precariedade da situação. Eles, então, interpelam esse Deus, mas estão sempre em diálogo com Ele. Eu estou me sentindo aí. Agora, a dificuldade é que a gente é uma pessoa frágil, uma pessoa que está sempre chamada, também, à periferia de si mesmo, com todas as fraquezas humanas. Mas o próprio ambiente que eu vivo, a própria vida que eu escolhi, e na qual Deus me acolheu, ela favorece esse reencontro constante, não é?

Vamos lá para o princípio. Gostaria que o senhor falasse sobre o Deus e o homem do Antigo Testamento, o gênesis, o pecado...

Ainda estava pensando, esses dias: Deus, antes da criação... É uma coisa meio impensável; porque a gente não tem, assim, um ponto de referência para imaginar a eternidade. Então, naquela eternidade... sinto como águas violentas, de intensidade, de ser, pura atualidade, no sentido filosófico da expressão "puro ato"; nenhuma passagem da potência para o ser, o ser em plena atualidade. E é nesse centro turbilhante, que é fervor de amor (porque é uma fornalha de amor), que brota a idéia da criação, brota a idéia do homem, brota a idéia do Cristo. Quer dizer, é um Deus humilde, porque Ele se enamora pela sua criatura. E quer ser, inclusive, de algum modo uma criatura. É uma coisa muito misteriosa, a encarnação: Ele próprio criatura e criador. Quer dizer, é o mistério, justamente, do Cristo... Ele realiza um primeiro esboço deste plano, criando, inclusive, o paraíso; onde a gente vê em poucas pinceladas, assim, dentro da forma mítica como é descrita a relação de Deus com o homem, do homem com Deus, uma grande amizade, uma grande intimidade. Deus vinha conversar com Adão na brisa da tarde, nessa hora, assim, como agora, ao cair da tarde. E Deus vinha conversar... Então a gente vê que é uma vida mística, de alta intensidade, e que, certamente, era marcada pelo próprio sinal da natureza, pelo reflexo do traço de Deus nas coisas. Ele era apreendido quase que imediatamente, ou obviamente... Não tinha ainda nenhuma resistência de ver a Deus. Porque nós somos educados, depois do pecado original, para esquecer as profundezas... A vida toda nos calafeta para dificultar o encontro com Deus, compreende? A ascese cristã é a "descalafetagem" do homem para reencontrar Deus, que é o amigo, que é o companheiro que está sempre conosco: "Eu estou aí"... no mais fundo de si mesmo, porque a profundidade do eu é o lugar de Deus em cada ser humano, e, também, em cada ser da natureza. O fundo da sua natureza permite o Cristo dizer assim: "Se fizeram assim com a ár-



Pintura Leonardo da Vinci (detalhe Batismo de Cristo)

vore verde, o que farão com a árvore seca? "Quer dizer, Ele é árvore verde; Ele é pedra, a pedra de que fala São Paulo, aquela pedra do deserto. A estrela da manhã... A água viva, o vento, o espírito... Então, uma presença não só do ato da criação, mas da própria subsistência das coisas no ser, na existência... Porque "em Cristo, Deus criou todas as coisas, nele tudo subsiste", define São Paulo. Quer dizer, na criação, a presença de Deus não é só um "peteleco" inicial, assim, que dá a big-bang, não é?... que explode as possibilidades de ser, as formas de ser... são análogas à divindade. Mas, Deus está presente. Eu fico pensando, assim, que a criatura mais humilde, quer dizer, o átomo, a molécula mais humilde, mais pobre, de toda a criação, ela é delicadamente sustentada no ser, pelo Cristo, a fim de que possa aquilo subsistir, ter uma história, ter toda uma convocação. Hoje eu estava lendo um Salmo que me chamou atenção. Deus convoca todas as águas... Então eu vi o mar, assim, como uma convocação das águas... Que coisa linda! A convocação das águas! Águas, águas, águas! Todas as águas. E tudo é vocação no Paraíso... E essa troca, assim, amigável, feliz; mostra como o mal é um mistério tão grande, como ele pode entrar nesse mundo, assim, não é? É uma coisa muito misteriosa, acima de toda compreensão, puramente racional. Embora a gente possa elaborar hipóteses para ele, como o orgulho do homem. "Vós sereis como deuses"; quer dizer, a vaidade do homem, o apetite de conquistar, por si, aquilo que Deus quer, mas como dom, como dádiva, que é a divinização; porque o plano de Deus é a divinização do homem, e a consagração da natureza.

Acredito ser esta a grande dimensão da Ecologia, essa consagração.

É por isso que eu vejo a Ecologia muito dentro dessa idéia profunda, de que Deus consagra a natureza. Quando eu vejo a Eucaristia, ali o pão e o vinho alcançam o máximo do êxito ecológico. Aquele trigo torna-se carne do Cristo, que é ressuscitada e gloriosa. Não pode haver beleza e final feliz ecológico maior do que esse.

D. Timóteo, vamos nos deter um pouco aqui neste mistério do pecado original, a que você se referiu acima.

Isto aí é realmente um abismo. Mas é uma realidade, é uma realidade tão trágica, como a gente pode perceber através da redenção. Deus na cruz. Ali a gente sentiu a gravidade, que é a tragédia da separação, mas que não modifica o plano de Deus; o desígnio de Deus é sempre esse: a encarnação para a nossa salvação. Mas não é só um motivo. Na Idade Média os teólogos discutiam o motivo da encarnação; os tomistas que, em

geral, têm uma posição boa, tiveram uma posição restrita: que o verbo se encarnou para resgatar o homem; já os escotistas, da teologia franciscana, dizem: não, ele se encarnaria de qualquer modo. E eu vejo isso, eu sou a favor disso. Há uma passagem bonita do livro da Sabedoria que diz: "A sabedoria gosta de conversar com os filhos dos homens. Conversar é uma palavra mais... do que trocar um papo. É conviver, "conversare", quer dizer: se virar com...

É praticar a dança da vida

Exatamente; é rebolar-se... Bonito isso! Então, é o mistério da humanidade do amor de Deus. O amor platônico é concebido como uma força que busca, — uma força que experimenta a sua carência e que busca o seu complemento, o alimento do qual ela precisa. Ao passo que "Agape" é o amor absoluto e busca aquilo que é pequeno diante dele. Ele não busca um complemento necessário a ele, mas o contrário. Ele busca o pequenino para comunicar-se a ele, e transfundir, nesse pequenino, as suas riquezas, a sua alegria, a sua paz, a sua plenitude. Isso é, exatamente, o modelo da "Agape", em que o Pai dá até o seu filho para nos salvar. Então, a gente vê, todo o Antigo Testamento é a história desse amor de Deus, passando por várias etapas culturais diferentes, não é? Mas eu, hoje, por exemplo, sou muito mais reservado quando se fala que o Deus do Antigo Testamento é um Deus patriarcal, severo. É... Mas, se você for olhar mesmo, no Antigo Testamento há inumeráveis sinais do Deus de bondade, do Deus eterno, no Deus maternal. Eu vejo que Deus é mais feminino do que masculino.

Então teremos uma surpresa lá em cima...

É, eu estou cada dia mais convencido disso; inclusive na criação, o homem e a mulher, a imagem de Deus, é o casal, é o par, que é a imagem de Deus. E aí eu acho que,... o que eu sinto ser Deus, eu vejo mais esse lado feminino... Admiro, também, o outro aspecto, vamos dizer, masculino... Quando eu vejo as leis da natureza, a grandeza inesgotável da criação, das distâncias, o mecanismo prodigioso das leis que regem o cosmo; esse seria mais o aspecto da racionalidade, da disposição das coisas, da "oikonomia", da disposição. Mas sou mais sensível a esse aspecto: viu e teve compaixão, que é um aspecto feminino, não é? É o verbo ver de que nós falamos no início. Mas Deus também nos vê e tem compaixão, compreende? Essa palavra no Evangelho é só aplicada a Deus: sentir compaixão, comover-se nas vísceras. É o Cristo que se comove nas vísceras. É uma tradução nas línguas, no modo de se exprimir, semítico. Porque o semita é muito concreto; então, quando uma pessoa está profundamente comovida, ela sente perturbações viscerais; porque aquilo se reflete no corpo, somatiza... estremecimento de amor. Então, esse Deus, eu vejo como a face de Deus, no Evangelho começa a aparecer com mais clareza, sobretudo nas parábolas de São Lucas que teve o privilégio, assim, de exprimir de um modo mais atávico a misericórdia de Deus, como essa samaritana do dia de hoje, o bom pastor, o filho pródigo, que seria a misericórida do pai, cheio de bondade.

É Deus que introduz este "Kairós" por ver o homem, assim, sem direção, o "Chronos" engolindo os homens, não é?

Engolindo os homens, maltratando os homens, o tempo trazendo a decadência das coisas e dos homens. Então o "Kairós" é a dimensão de Deus nos acontecimentos. Porisso que é importante saber ver o acontecimento. É o poder de decifrar o enigma... Isto chama-se fé, de que ontem os apóstolos sentiram necessidade: "Aumenta em nós a fé!" Eles precisavam de uma nova potência para poder acompanhar o Cristo, que é este mistério constantemente. Ao mesmo tempo muito familiar, ao mesmo tempo tão inesperado.

D. Timóteo, o Deus do Novo Testamento já é isso, tão inesperado; no entanto, tão misericordioso, como nos conta Peggi, da revelação da face do Pai pelo Filho... Para a gente fazer agora um paralelo entre o Novo e o Antigo Testamento.

É, o Deus do Antigo é um Deus sempre amoroso, mais pedagogo, educando... Ele se compara à águia, comparação do oriental, porque eles, viam as águias ensinando os filhotes a voar. Então a águia sai assim e os filhotes... Não é mesmo? essa é uma fase de aprendizado, em que ele aparece como um pedagogo, inclusive ameaçando com castigos.

O Deus de Jesus Cristo não é mais esse; quer dizer, é este, mas, com outra face.

É. Ele se revela na sua face mais profunda. Porque já deu tudo, compreende? Depois, agora nós temos o próprio exemplo de Jesus. Jesus é Aquele que está sempre para nós, também, como um exemplo permanente. Você vê que o Deus do Antigo Testamento ainda tem que educar o seu povo, o seu fiel, para a própria responsabilidade; inclusive, a responsabilidade individual. Até o profeta Jeremias, quase que se tinha só uma noção da obediência coletiva, enquanto membro do Povo escolhido. Ezequiel... Ezequiel começa a dizer: "— Não, aquele que peca, vai ser punido, mas se ele se converte, ele se salva. E aquele que era virtuoso, se peca, é condenado "Quer dizer, pra mostrar que é o estado da consciência individual que importa na hora do julgamento. Então, é uma educação para a responsabilidade, a liberdade responsável. E o Novo Testamento é justamente a fase definitiva da história do homem. Por isso, a noção que São Paulo tinha de que: "Chegaram os últimos tempos" — "Éschata, tá éschata" — "chegaram os últimos tempos". Quer dizer, a história realmente já chegou ao seu termo. Então, o Novo Testamento é realmente a plenitude da história, a plenitude do tempo, que agora desenrola essa presença nova de Deus. Que não é só a presença do criador na criatura, mas é a presença do redentor nessa plenitude de amor.

Extremamente necessária.

Sem dúvida. O homem não podia, não tinha nem tem condições pra se salvar por suas próprias forças, o que é o grande **escopo** das religiões. Eles propõem **autosoterias.** São todos autosotéricos, principalmente esse cultos orientais, que apelam até para uma grande ascese, realmente de um nível moral de grande exigência. Mas ali é o homem que se salva a si mesmo. Ao passo que o Cristo nos mostra o seguinte: "— Não. Nós somos salvos por outro", — heterosoteria; é um outro, que nos salva, o Cristo. Mas isso não dispensa a nossa conversão e a nossa adesão a esse outro. E São Paulo vai dizer também: "— Fazei a vossa salvação". Quer dizer, o homem é responsável; está tudo feito, mas ele tem que entrar nisso como uma pessoa responsável. Então, aí, embora nós continuemos uma Igreja, quer dizer, um corpo coletivo, somos membros de um corpo, mas cada membro é uma unidade absolutamente responsável pelo todo. Por isso, descobrir essa face de Deus é também, indissoluvelmente, descobrir a face do irmão.

D. Timóteo, vamos nos deter aqui um pouco sobre esse Deus: que Deus é este de que nós estamos falando?

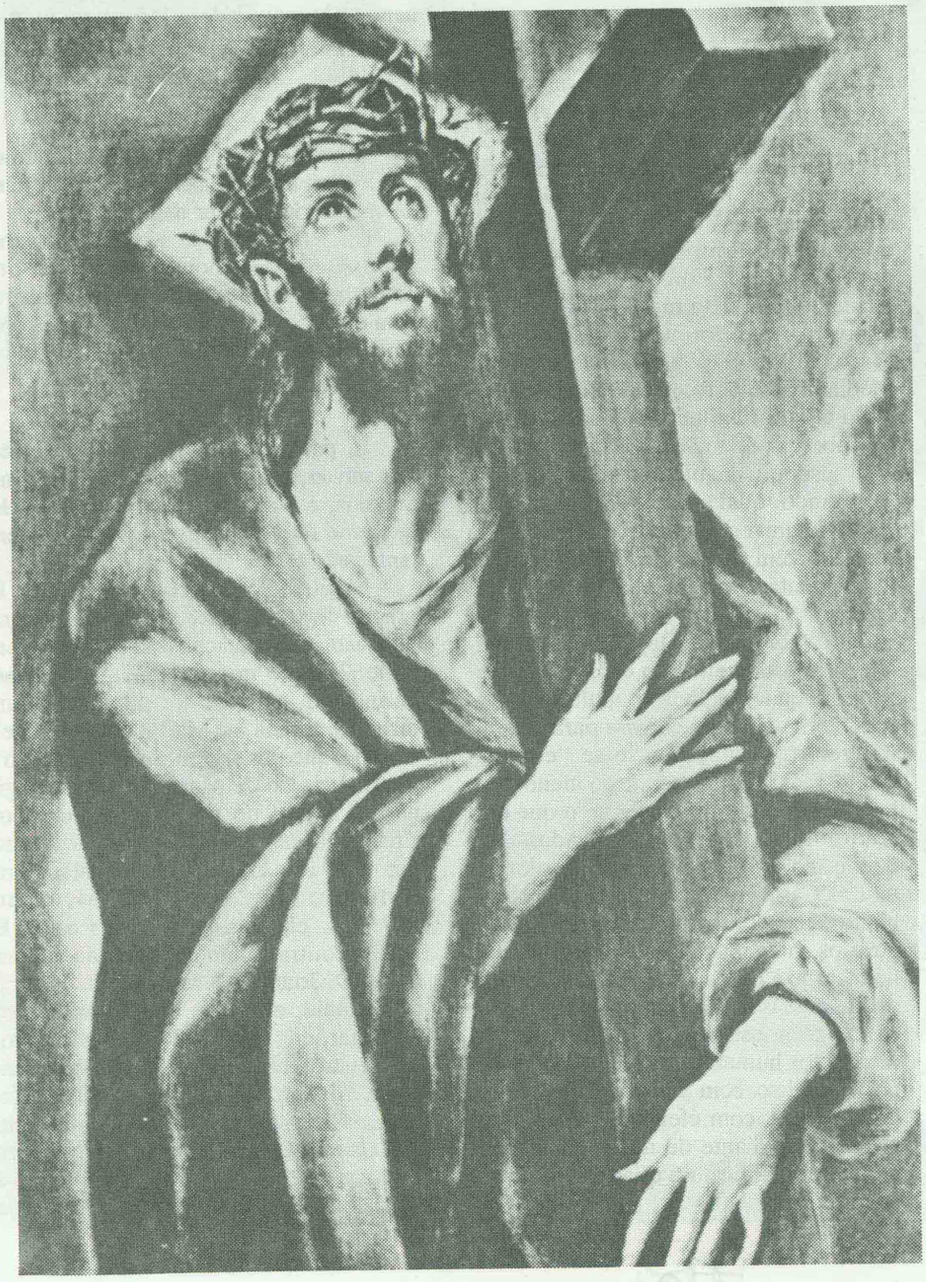
É uma pergunta que me chega, assim, um pouco embaraçosa; porque eu estou à procura desse Deus, compreende? Eu não tenho ainda a "posse" desse Deus. Eu não domino, não é? Eu não pego, compreende? Estou tentando pegar e... É nessa trilha que percebo que Ele está nessa trilha, que seria o Cristo. Esse Deus que eu persigo, do qual eu vou atrás, eu estou no caminho certo, mas não posso dizer que eu peguei... Agora, já passou convicções profundas, de que não é difícil de acertar com sua identidade; porque em cada situação crítica da minha consciência, eu sei com absoluta certeza onde é que está Deus e onde Ele não está. Sempre há um apelo para o egoísmo, para o mero conformismo, etc... Eu sei que é duvidoso, se não negativo. Agora, toda vez que há um apelo para a generosidade, aí eu tenho certeza que é um apelo de Deus.

Quer dizer, é esse o Deus do Filho Pródigo.

É o Deus do Filho Pródigo. Esta grande revelação! Sabe, essa parábola é uma das revelações, realmente, mais claras, e mais profundas, do mistério de Deus. Mostra, realmente, Aquele Deus que, primeiro: incentiva a liberdade, quer dizer, portanto, que não é um Deus ditatorial. É um Deus que diante da decisão do jovem, de seguir o seu caminho, e até **dissoluto,** Ele não põe embaraços; está acompanhando, mas respeita a decisão, a liberdade do jovem. Mas fica, justamente, sempre na espectativa da volta; Ele está sempre esperando a volta, que é quando o rapaz aparece lá no horizonte, e ele já vai ao seu encontro, não é? E nem deixa o rapaz terminar a sua confissão, o seu ato de contrição: "... Pai pequei..." — ele já tinha preparado um examezinho de consciência. Não, Ele o abraça, manda botar as vestes da festas, a túnica da imortalidade, o anel da realeza, a sandália que evangeliza, e sobretudo, o banquete final, que é o máximo da troca entre as pessoas.

É o Pai re-significado na cabeça do filho. Isso não lhe passa a idéia do Antigo pelo Novo Testamento? Nós também poderíamos interpretar isso à luz da psicologia.

É, ele mata o Pai, quer dizer, é uma fase, importante, **edípica,** de libertação, de crescimento. É uma morte... É uma matança simbólica do Pai, compreende?... quando ele o abandona. Tanto, que ele pede a herança; significa a própria morte do pai. Ele pede a herança, a parte dele na herança; herança é de quem morreu, não há herança de gente viva. Então, ele realmente mata o Pai. Agora, aí ele reencontra o pai numa nova maneira de ver. Nisso, realmente, eu acho que nesse ponto, também, não poderia deixar de ser: o Cristianismo é a redescoberta do Pai. Porque há uma passagem, acha que no Evangelho de São João, em que o Cristo está discutindo com os judeus, e numa hora Ele fala assim... refere-se ao Pai, o demônio, o pai daqueles que o assediavam. Dizem: "— Nós temos pai o Abraão, somos filhos de Abrãao, nosso pai é Abrãao" — O Cristo diz: "— Se vocês fossem filhos de Abrãao, vocês me reconheceriam. Abrãao quis ver o meu dia, viu, e o celebrou. Vocês quiseram me apedrejar." — "Como é que você, mal tem 30 anos, e diz que Abrãao te viu?" Então, é uma página muito interessante, porque você vê a civilização, Abraão, aí, representa uma civilização patriarcal, quer dizer, de dominação, de lei, compreende? Embora Abraão não tenha dado uma lei aos judeus; quem deu a lei foi Moisés. Abraão é o homem da fé. Então, o Cristo quer mostrar, justamente, isso: "— Vocês estão fazendo, de Abraão, um patriarca legalista e dominador. Quando Abraão é o homem da fé". Quer dizer, portanto, da liberdade, da adesão de pessoa a pessoa; porque a fé é uma adesão pessoal, antes de ser crença em conceitos e verdades, naturalmente sistematizadas; é uma confiança na pessoa do Cristo. Uma confiança em Deus e em Jesus Cristo! Então, ele restabelece, realmente, o pai, como esse pai é reencontrado no estado adulto, para o qual foi preciso passar pelas crises de crescimento psicológico. Então, é um Deus libertador, sobre esse ponto de vista. O Cristo nos dá o Pai como o Deus libertador e não como um patriarca, que põe entre nós e Ele uma lei e Ele fica assim como um mero coadjuvante, porque você tem que se haver com a lei, e Ele fica apenas como um fiscal dela, o qual depois vai distribuir de acordo com a tarifa legal, vai distribuir a bem-aventurança ou a pena. É, realmente; a última evolução da capacidade humana, não é mesmo?



Pintura El Greco (Cristo Carregando a Cruz)

Os cristãos têm um projeto de homem e de sociedade, não é mesmo?

Sem dúvida.

Eu gostaria de que o senhor colocasse qual é este projeto... Que homem é que nós, os cristãos, queremos construir; que sociedade nós desejamos construir. Vamos falar um pouco da fraternidade, da noção coletiva da caridade cristã?

Eu acho que eu responderia na base mesma, desse conceito de Misericórdia, compreende? Da Misericórdia de Deus. Quer dizer, misericórdia é o amor enquanto vê o sofrimento da pessoa amada. Então, o Cristo tem misericórdia pelos homens, Ele é um Deus misericordioso. E o cristão, igualmente. Há uma palavra de São Paulo, que eu considero importante, na Carta aos Filipenses, no capítulo 2º aquele hino cristológico, que começa com essas palavras de São Paulo: "Tende em vós aquilo que o Cristo sente". E o Cristo sente, uma imensa compaixão, como aparece em várias passagens diante do sofrimento dos homens, da viúva de Naim que vai levando ao enterro o seu filho único, ninguém pediu ao Cristo nada, mas ele sentiu compaixão... E várias outras passagens mostram: "Sentiu-se compungido... compassivo

diante do sofrimento dos homens." Então, isso, é parte essencial do "Ethos" cristão, do modo de ser e de comportar-se. Nenhum cristão pode ser insensível. Agora, não compete ao Cristianismo, como tal, fornecer um projeto técnico. Mas ele deve, e tem condições para isso, levar a todo o projeto, toda constituição política, a todo projeto de lei uma inspiração de amor, um "Evangelho" no coletivo. Por exemplo, o Cristianismo é chamado a participar. Isso favorece ao homem, quer dizer, isso levanta os abatidos, desmarginaliza os que estão isolados, no isolamento sócio-político, sócio-econômico. Isso corresponde à dignidade do homem, quer dizer, é uma pergunta que o cristão sempre fará, embora ele, não é como cristão que dá o texto da lei; mas ele tem uma visão profética, uma visão crítica e, também, uma fonte de inspiração evangélica para realizar uma vivência humana, social e individual, à medida da dignidade do homem. Isso é que o Evangelho nos inspira. Por isso o Evangelho forma adoradores verdadeiros do Pai, mas que só são adoradores, se nesta adoração, eles têm o coração também aberto aos irmãos. Então, isso faz parte essencial do "Ethos" cristão. Aí você desenvolve isso em várias camadas de ser, com densidade diferente... Mas nós estamos numa época tão crítica da sociedade internacional, que a gente pensa logo numa estrutura política em que, realmente, os direitos humanos sejam garantidos.

Que possa plenificar a gente!

Pois é. E, inclusive, que possa, numa linguagem, numa realidade que é entidade por outros que nem são da mesma fé ou que podem ser até ateus, mas que sejam pessoas retas, e de boa vontade e de boa intensão. Então, eles podem estar, até, de acordo com isso, porque é um projeto que é comum, nesse sentido. Porque não é um projeto propriamente religioso, no sentido confissional, particular, mas é um projeto humanista. Agora, o risco que muitos desses movimentos traz consigo é que a atuação no campo social e político perca esse ponto de referência da adoração. Então, ficará o risco de reduzir o Cristianismo a um mero humanismo, muito elevado, muito belo, mas que não é suficente. Porque a dimensão horizontal, ela brota do tronco vertical... É como a cruz... A cruz, ela brota da dimensão vertical. É a dimensão vertical que está lá plantada, em primeiro lugar. O que o Cristo levou nas costas foi a horizontal, em vista de juntar com aquela vertical. Então, Ele dá o tipo perfeito do cristão. A cruz nos dá uma representação que é gráfica do que é o verdadeiro cristão. A gente está no ponto de encontro das duas hastes: a vertical a horizontal. E deixa de ser cruz se não tiver uma das duas, deixa de ser plenitude, de denúncia, contra tudo aquilo que desfigura, que maltrata o homem e a presença sapiencial que inspira na construção, agora técnica, da sociedade, uma realidade à medida da dignidade do homem, de todos os homens. Então, há uma "encarnação" da misericórdia também no corpo político, social e econômico. Então, a misericórdia não se reduz aos gestos imediatos de amor, nos encontros face a face, mas ela também é elevada ao nível quase que institucional. Então, isso é uma civilização de inspiração cristã, que não é exatamente uma civilização confissional. Por exemplo: já se tentou na Idade Média o Estado Católico, cristão, propriamente confissional, mas no fundo não deu certo, embora tenha trazido muitas vantagens, muitos benefícios. Mas, você sabe, a fraqueza do homem, os interesses secundários, que são muito fortes, e, às vezes mesquinhos, se infiltram nisso tudo e, então, você não tem estado confissional teocrático, um "aiatolá" católico.

É porque a salvação não está circunscrita aos muros de uma igreja.

O pluralismo faz a gente descobrir, realmente, outras representações possíveis e legítimas. No início dos tempos modernos, os missionários descobriram novos povos. A Europa e a Civilização Ocidental, de certo modo, quase que ignorava o resto do mundo. Sabia assim: Marco Polo foi à China ainda na Idade Média, mas não trouxe consequências na visão geral do mundo. Ao passo que as descobertas, no tempo dos descobrimentos, suscitou problemas. Esse pessoal inesperado, qual a situação dele no conjunto do universo religioso? Eles têm alma, eles têm direito, eles são filhos de Deus? Então, a voracidade colonialista começou a explorar, e aí os primeiros papas da Renascença tiveram que se manifestar, justamente, em defesa da qualidade humana daquelas populações. Naturalmente com um convite para eles receberem o cristianismo, e se "europeizar"... Mas, reconhecendo ao menos teoricamente, o direito de serem o que eles eram, de não serem europeizados. Isso depois, no século seguinte, o Bartolomeu de Las Casas, em defesa dos pré-colombianos, da América e tudo... portanto, até dos indígenas brasileiros. Mas isso deu tempo à Igreja, também, a se colocar diante dessas novas situações. Hoje é fácil, a Igreja assina qualquer declaração de direitos humanos, mas ela levou tempo a ver isso com clareza e liberdade. Leva tempo, com efeito, o poder de se reestruturar diante de novas circunstâncias, que modificam o quadro de mentalidades...

D. Timóteo, a gente não pode pensar nesse projeto que a gente tenta levar, quer dizer para um novo paraíso, sem pensar na figura de Maria. Porque Maria é o novo paraíso.

Ela já é a terra do paraíso, a terra virginal do paraíso, onde o novo Adão nasce...

Maria é, na verdade, o nosso futuro, poderíamos dizer assim?

É. De certo modo, sim... Bom, a **grande** importância do dogma declarado da Assunção de Maria é exatamente isso: apresentar-se um ser puramente humana, quer dizer, que não é como o Cristo, que é humano mas que tem a sua pessoa, uma pessoa divina. Maria é uma pessoa humana, não é? E uma natureza humana em pessoa humana, que atinge aquela plenitude, como irmã dos homens. Ela é inocente, mas é profundamente solidária de todos os homens, na sua própria inocência. Ela não pertence a uma outra raça, ela não foi feita de um outro barro. Nela Deus estancou o veneno que envenenou a humanidade. Ela é um ser humano, nascido em forma humana, em pureza total.

Jesus foi o divino humanizado, e Maria, a humana divinizada; é um conjunto..., poderia se dizer assim?

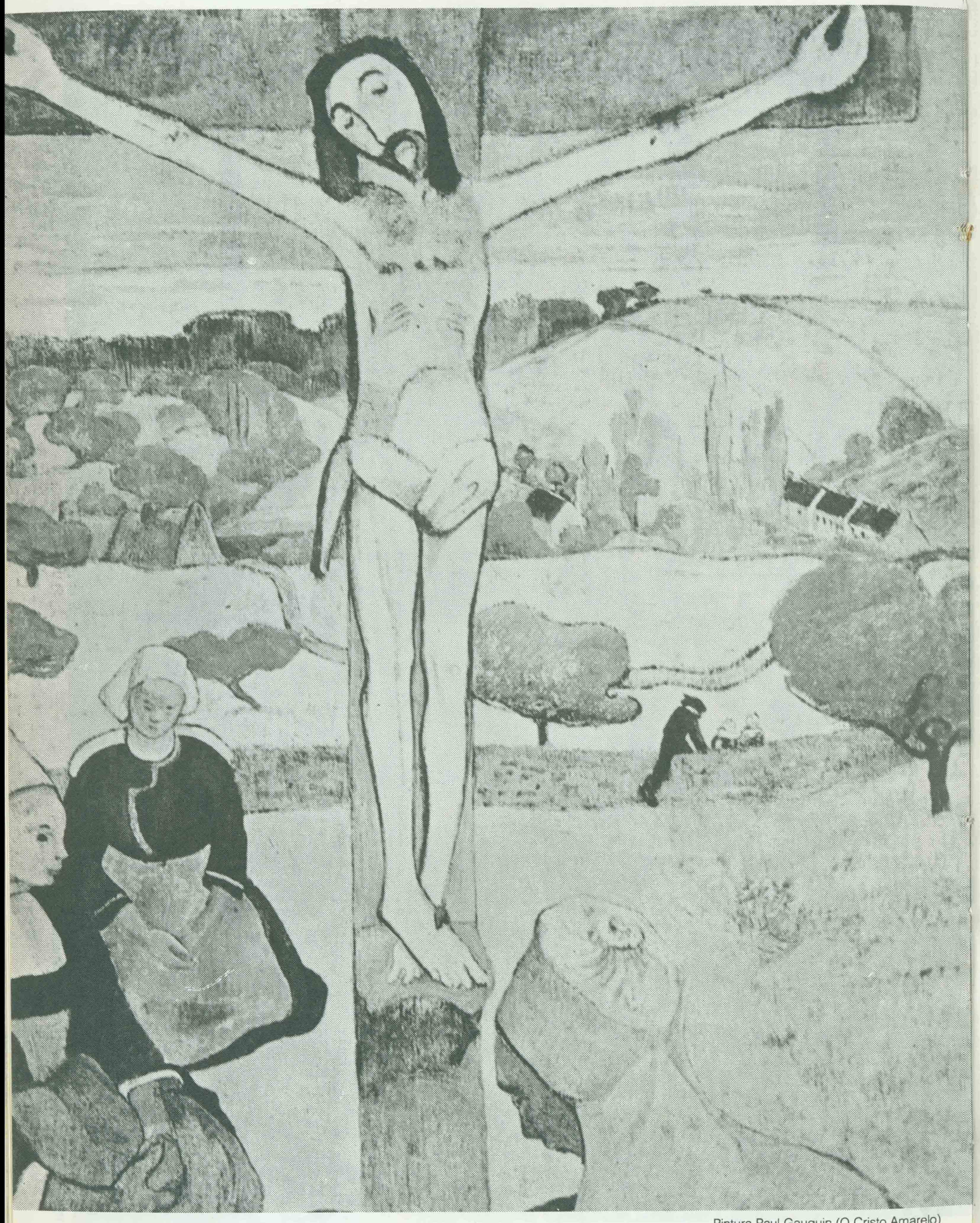
É... Os padres do século IV diziam assim: Deus se tornou homem para tornar o homem Deus. Ele se humanizou para que nós sejamos divinizados. É esse o projeto de Deus.

É, porque o sangue com que Cristo nos salvou, e que ele derramou na cruz por nós, é o sangue de Maria. Foi nela que tudo foi gerado. Isso é muito importante, não é?

É, muito... **apoclima** humano, É preciso a gente fazer uma nova leitura do Evangelho, eu acho isso muito importante! Porque muita coisa que está no Evangelho, só pode ser por uma informação feminina, de Maria, compreende? Como é que nós sabemos a Encarnação? A Anunciação de Maria? Eu fico imaginando, assim, no fim da vida dela, em Éfeso, na casa de João, que a tomou por dádiva do Cristo, que os cristãos iam conversar com ela: "— Mas, como foi?..." E ela transmitiu muita coisa. E aquelas outras mulheres que são citadas até: a D. Joana, e a fulana, e a... Maria de Betânia, e Marta; quer dizer, ficam informações. E eu vejo, por exemplo, na Ressurreição segundo, se não me engano, Mateus, quase que não faz referência à aparição às mulheres, ou quando faz, elas testemunham mas não são aceitas. Agora, em Marcos, Ele aparece à Madalena, aos apóstolos; mas quando



Pintura Leonardo da Vinci (Madona com Encarnação)



Pintura Paul Gauguin (O Cristo Amarelo)

Ele aparece a primeira vez, Ele passa dando-lhes um "toró" danado: "Vocês são de pouca fé". Agora, quando Ele aparece à Madalena, Ele diz assim: "Alegra-te", compreende? "Alegra-te". Quer dizer, é uma mensagem de alegria. Ela... "E vai dizer a Pedro e aos outros que eles vão ao meu encontro..." em tal lugar, na Galiléia. Então, é completamente diferente a narração das aparições quando vem do testemunho feminino e quando vem do testemunho masculino. Quando vem do testemunho masculino é muito austero, e Cristo sacode a incredulidade deles. Quando vem do testemunho feminino, ele diz: "Alegra-te", não é? Comunica a paz, a satisfação, prazer quase, não é? Alegria. Então, eu acho que está por se fazer o Evangelho segundo a mulher, sabe?

Porque Maria é fundamental nisso, não é?

Claro. É muito importante o papel de Maria. Não é um papel, de mero instrumental, necessário, ja que tinha que nascer de mulher para ser um verdadeiro homem... Maria não é uma mãe de proveta, nem dessas mães portadoras, de aluguel, que se oferecem para serem gestantes de óvulos fecundados. Não. Ela é realmente mãe do Cristo e da Igreja: "Eis a tua mãe," essas palavras simbólicas de João. Que São João é o único — a lembrar — talvez o único que tenha testemunhado, estava ali, os outros não estavam, fugiram. O desenvolvimento da doutrina Mariológica é uma coisa lenta na Igreja. Porque, nos primeiros séculos se discutia sobre a santíssima Trindade, e depois sobre o mistério do Cristo. A reflexão teológica, os combates doutrinários se faziam nesse campo. Então, os dogmas de Maria estavam como que transmitidos, como fora de discussão. Mas já aparece, mesmo no Concílio de Nicélia. A discussão sobre ela é "theotxóhos" ou "theotxokos"? "Theotxókos" quer dizer: aquela que gera Deus. Isso foi a doutrina católica; ela é Mater Dei, Genitrix Dei. Agora,... porque o grego tem essas coisas: quando são palavras compostas, onde está o acento, a ênfase está na parte que recebe o acento. Se você fala "thcotxókos": aquela a quem Deus gera. "Theotókos"; o verbo "Tókeiy", aí, dá a idéia de gerar "Tókos": aquela que gera a Deus. Então, ela é "theotókos"; Eles brigavam nas ruas de Constantinopla, os monges contra os que não afirmavam a maternidade divina, compreende? Estes, portanto, falseavam todo o mistério do Cristo. Porque, então, Ele não é um homem verdadeiro, é um fantasma, uma espécie, assim, de manifestação, é um espírito, sei lá. Ela é mãe de Deus, ela gerou realmente... Ela tem genes... E o seu lugar na nossa salvação é, para sempre, em dependência, em referência do Cristo. O Cristo é que é o Redentor. Mas, para essa cooperação, especialíssima, quase pode ser chamada uma co-redentora, em união, em referência, constante do Cristo, faz parte da redenção. Já tenho uma grande pena dos irmãos evangélicos, que têm essa grande reserva em face do papel de Maria, em parte explicada, também, por causa dos excessos, muitas vezes, do culto Marial, asim, pouco **discreto,** quase que divinizando a Maria, quase que à custa da preeminência absoluta do Cristo. Então, ela é quase como uma deusa do tempo do paganismo. E Maria não é nada disso. Ela é a companheira. "Crescei...", como no início da história do homem... "Crescei e multiplicai-vos e dominai a terra..." Quer dizer, é a unidade do par inicial que deve crescer e exercer o domínio da criação, quer dizer, levar a criação às suas últimas possibilidades. Assim, também, a nova criação, a criação restaurada, é também um par. E neste par é que está a imagem de Deus. Também no Novo Testamento, porque o Cristo, como homem, Ele não esgota, como homem, se olhando só o lado masculino, Ele não esgota a totalidade, embora Ele revele as vísceras femininas de misericórdia. Então, Ele na sua ação, é claro que Ele dá a imagem perfeita do Pai, não é? "Quem Me vê, vê o Pai". Mas você pode fazer uma certa distinção, como homem, Ele manifesta mais um lado do divino, compreende? Embora Ele, concretamente, englobe essas duas dimensões, esses dois aspectos, essas duas faces: divina, masculina, paterna e feminina, maternal, claro, não é? Ele é cheio de misericórdia, Ele se torna **comum,** sente as suas vísceras estremecerem diante do sofrimento dos homens.

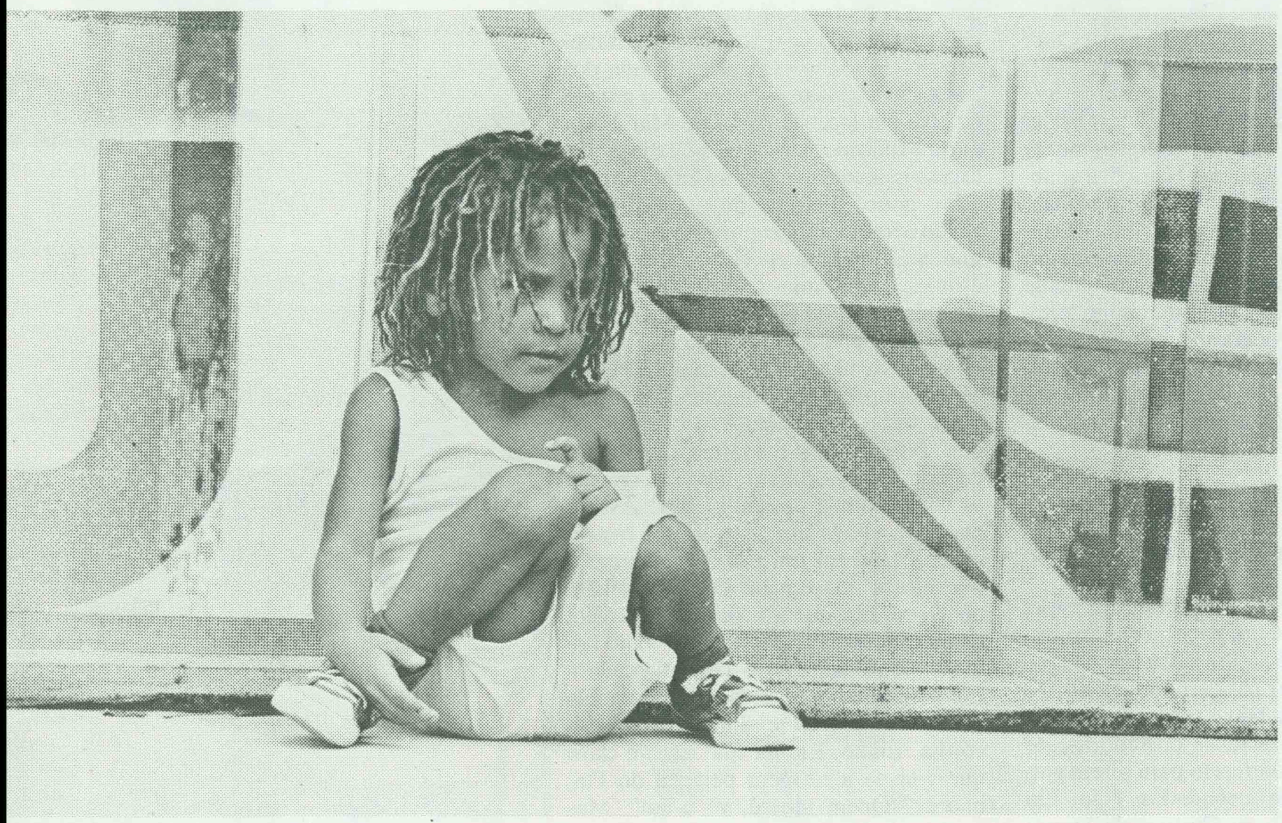
Deus está no cotidiano?

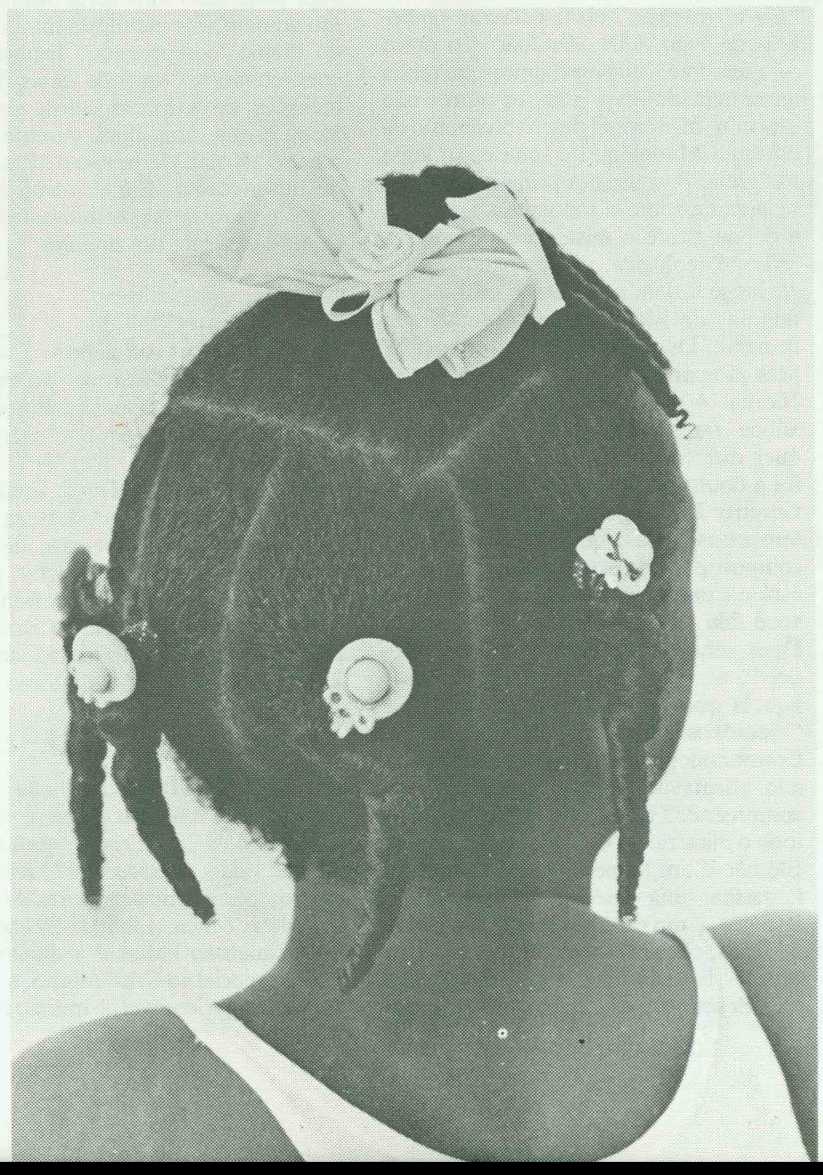
No cotidiano. Porque não são situações excepcionais, apenas... É nesse cotidiano que a gente tem que encontrar a profundeza, que é o "Kayrós"; quer dizer, o encontro com Deus. Então, essa dimensão poética... A beleza, ela é uma... eu tenho a impressão, até, que... é da essência do Cristianismo, porque isso é da essência do Cristianismo. Porque você não pode pensar o Cristianismo apenas como uma alta moralidade, **mas soturna e sombria,** não é mesmo?

É. O nosso Deus toca flauta, não é?

Pois é. É um Deus alegre, é um Deus dançarino, é um Cristo **"palhaço"**... Aquele folião, compreende? Meio louco, que rompe as muitas barreiras da mediocridade e dança. Lúdico. Exatamente. Essa dimensão lúdica é a dimensão de festa, essencial ao Cristianismo, e absolutamente indispensável ao mundo de hoje!

HOLANDA CAVALCANTI









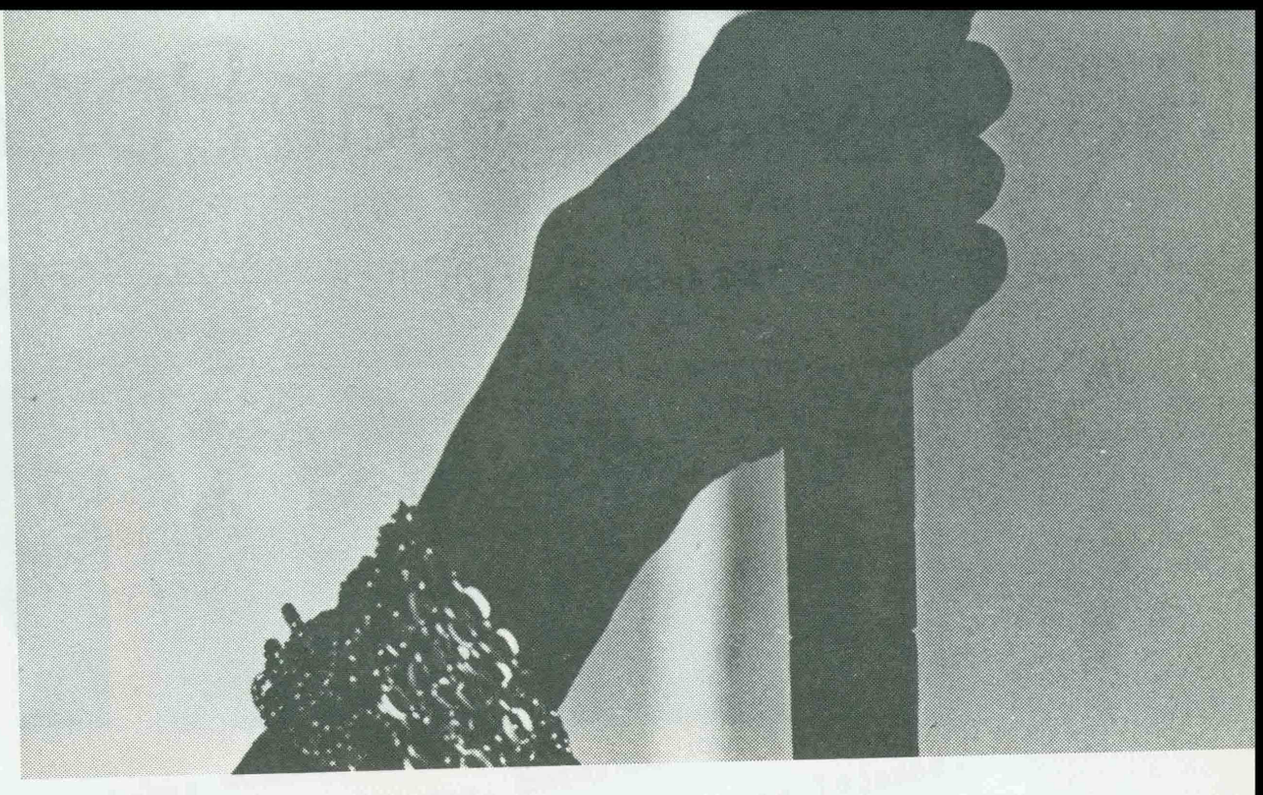
O que se passa com o sapo diante do inseto - o captar/capturar repentino da presa - deve ser parecido com o que se passa entre o fotógrafo e o objeto do olhar.

Entre Holanda e a Bahia das gentes e dos brilhos que se captam/capturam nas fotos, passa-se o mesmo e mais certa ternura. Algo terno, de terno de reis. Passa por elas uma certa lentidão taoísta que a ambas embebe. Passa uma espécie de mão única por onde trafegam, sempre no sentido da Graça, o comboio Barra/Barris/Barroquinha, transportando-se as Bahias de Vivaldo e Verger e Caetano e Jorge.

Não sei. Só sei que é uma moça que gosta de lentes e as usa como dentes, dentes suaves, dentes de leite, de côco.

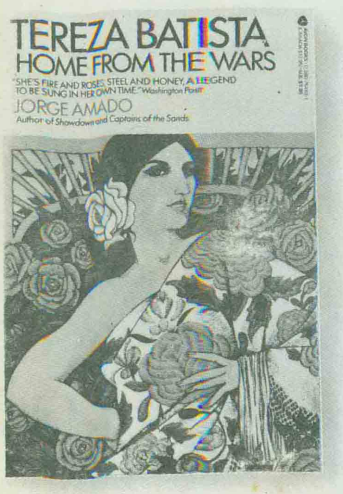
Gilberto Gil

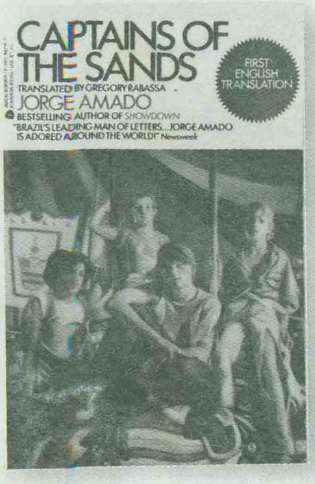


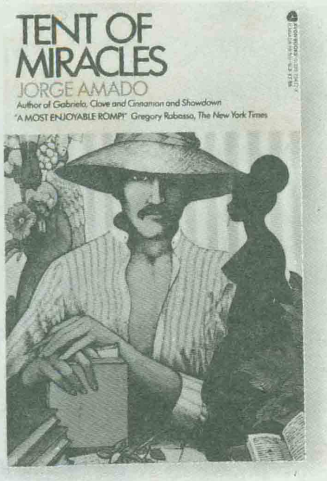


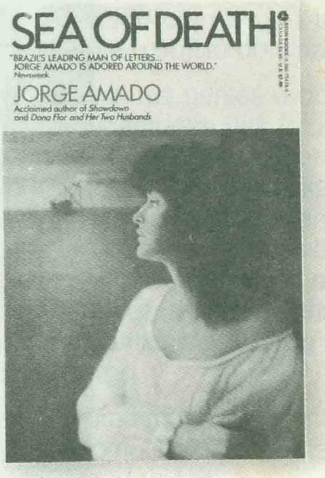


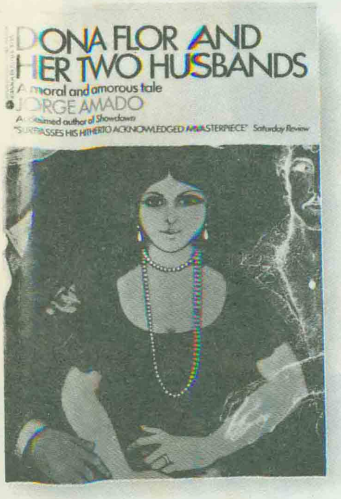
Antes de Passar Por Aqui

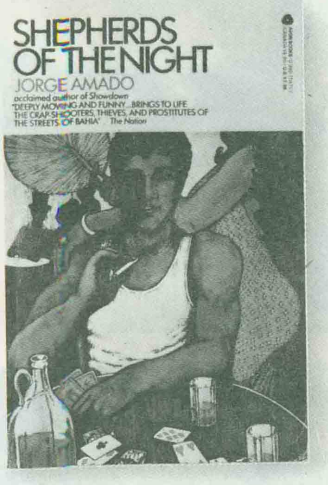


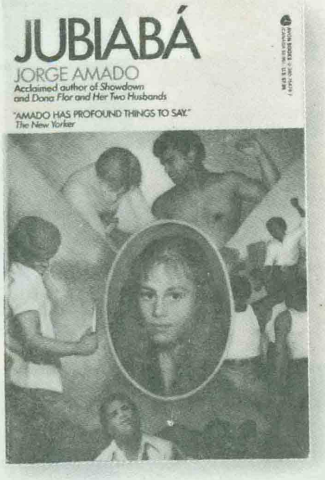


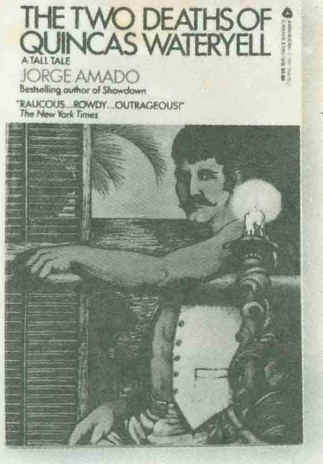


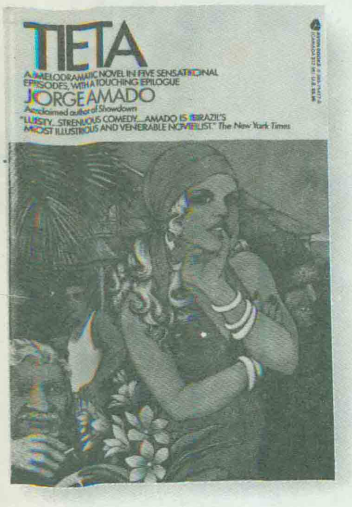


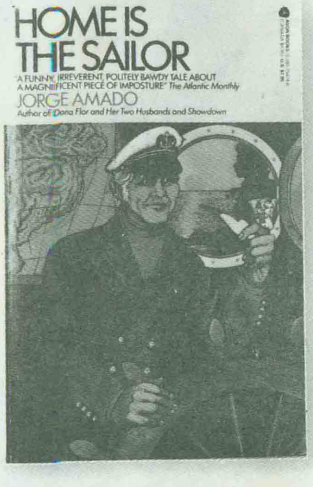


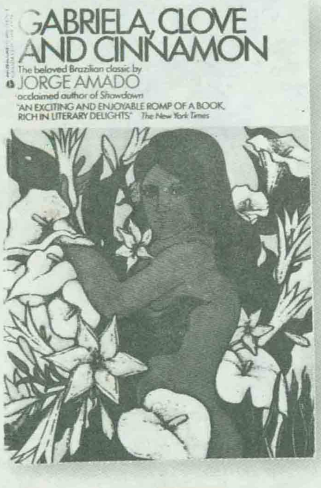


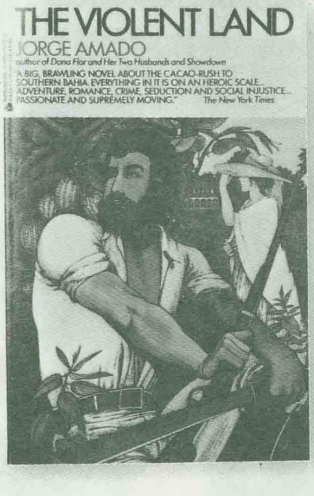












Dê Uma Passadinha Por Aqui:

UEC

UNIVERSAL ENGLISH COURSE
Largo da Vitória
40120 - Salvador - Bahia. Tel.: 235-0503.

asabranca (247-3422)

A SOLAS CON TU AMOR

Para EXU.

Hilabas con los dedos de tu penumbra interna
la sombra de tus ojos, buscando una linterna
que te indicara el rumbo de las cosas lejanas,
el horizonte incierto de las almas cercanas.

Hilabas pensamientos con tu conciencia tierna
mientras tu voz soñaba con la ilusión materna:
en tus oídos diáfanos las canciones profanas
encendían los ecos de pasiones mundanas.

Hilabas sensaciones en las rosas morenas
de tus pechos erguidos como broncas corolas:
tus manos eran fuego de caricias serenas.

Un viento silencioso de castas amapolas
abrasaba rubores de mejillas que apenas
estremeciera un beso que inventabas a solas.

Miguel Bustos Cerecedo.

Miguel Bustos Cerecedo é escritor mexicano, com vários livros publicados, entre eles La Noche Arrodillada, Revolucion, Hambre.

A Universitá Degli Studi di Bari, através da Facoltá di Língua e Letterature Straniere concedeu em solenidade no Palazzo Ateneo, Bari, às 17 horas, do dia 22 de maio de 1990, com a presença do Conselho Universitário, do Magnífico Reitor Professor Attilio Alto, o Presidente da Faculdade de Língua e Literatura Estrangeiras Professor Vitilo Masielo, os professores de Departamento de Literatura de Língua Portuguesa Fernanda Toriello e Giovanni Ricciardi, a láurea de doutor Honoris Causa ao escritor Jorge Amado.

A programação deste título a Jorge Amado teve em sua comemoração, na parte da manhã, no Liceo Scientífico 'A Scacchi', sob o título "60 anni di vita letteraria", um Seminário de Estudo, presidido pela Professora Luciana Stegagno Picchio, e as presenças dos professores Emanuele Stellacci, saudando o escritor em nome da instituição, Dario Puccini, Silvio Castro, Maria Luisa Cusati, Teresa Pinto, Claudius Portugal representando a Fundação Casa de Jorge Amado, findando com um debate entre o escritor Jorge Amado e os alunos da Faculdade de Língua e do Liceu Científico.

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BARI
Facoltà di Lingue e Letterature Straniere

LAUREA AD HONOREM

JORGE AMADO

SEMINARIO DI STUDI

BARI, 22 MAGGIO 1990

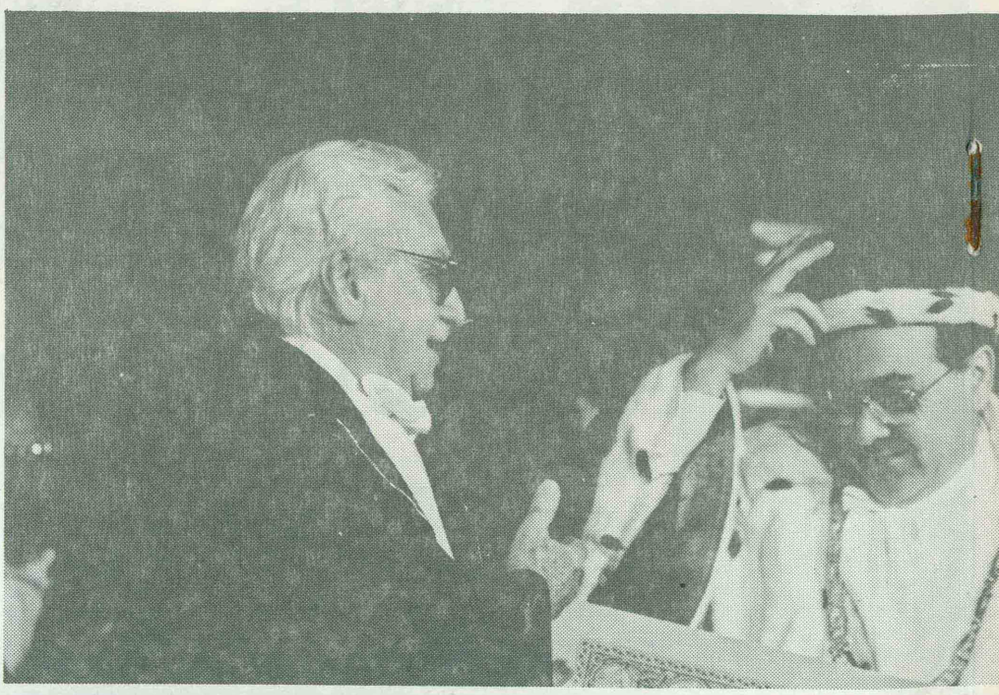
DISCURSO N

Aqui estou, nesta tribuna ilustre, cumulado de honra, a alta honra de receber o título de Doutor Honoris Causa de vossa Universidade de Bari. A vida, que tem sido generosa para comigo, oferece-me mais uma prova de estima pela obra literária que venho realizando ao longo de sessenta anos de trabalho - trabalho obstinado, duro, difícil, por vezes extenuante, e, ao mesmo tempo, agradável, exaltante e também divertido. Não fosse divertido, eu não o faria, pois o labor da criação não deve ser um fardo e, sim, uma prenda.

Ainda antes de vos agradecer esta honraria que me deixa igualmente vaidoso e humilde, devo proclamar, em alto e bom som, ter sido ela concedida não a um modesto romancista brasileiro, mas ao povo que me inspirou, educou e fez de mim um escritor consciente de sua responsabilidade - ao povo baiano. Com ele aprendi tudo quanto sei: o que há de válido e permanente em meus livros provém da vida e da cultura popular da gente da Bahia. Participo, desde menino, de forma íntima e ardente, da vida do povo, sobretudo das camadas mais pobres, despossuídas e sofridas da população brasileira. Orgulho-me de ter lutado, desde muito jovem, sua luta sem medida e sem fronteiras, contra tudo que é feio e sujo; a miséria, a fome, a infância desvalida, a injustiça, a opressão e os preconceitos de toda ordem. Antes de tudo e sobretudo contra o racismo, o mais monstruoso e abjeto de quantos preconceitos limitam e degradam o ser humano.

No decorrer dos sessenta anos de vida literária vivida por inteiro, aprendi que existe uma maneira - uma única, não mais - de erradicar em definitivo o racismo da face da terra e do coração dos homens. Essa maneira não é outra senão a mistura de raças, de sangues e de culturas; todas as demais propostas, inclusive aquela que exalta a convivência de raças, ou de nacionalidades diversas na mesma sociedade, conduzem inexoravelmente ao racismo. Fórmulas atraentes e sedutoras no papel e no discurso, nos parágrafos de certas constituições, revelam-se na vivência do quotidiano, portadoras dos gérmens do racismo, da ambição de poder, da superioridade nacional, do domínio, do ódio, do obscurantismo, da violência, o vírus da guerra.

Desejo vos dizer que a nação brasileira vem se construindo e se afirmando, de seus começos aos dias de hoje, como o resultado da mistura, persistente e *sempre maior,* de sangues e de raças, da mistura de culturas; a miscigenação e o sincretismo têm sido nossas armas na batalha contra o racismo. Essa a experiência e a consciência brasileiras em quase 5 séculos, a partir da descoberta, proclamada pelos portugueses, do imenso território até então habitado tão somente por tribos indígenas. Leito de amor onde as raças se fecundaram e os sangues se misturaram, o Brasil se vangloria, com razão, de sua mestiçagem, de sua cultura mestiça - essa a nossa contribuição para o humanismo universal. No Brasil os indígenas, os europeus vindos nas caravelas dos navegadores ibéricos, os judeus fugidos da inquisição, os negros chegados da África nos porões dos navios de escravos no tráfico infame e trágico, os imigrantes provenientes dos quatro cantos



JORGE AMADO

NA UNIVERSIDADE DE BARI

do mundo - italianos, alemães, eslavos, húngaros, gregos, árabes que se faziam brasileiros dos melhores apenas desembarcavam, japoneses por fim - no Brasil se misturaram, acima e mais além dos preconceitos, numa realidade única e decisiva.

Sou um velho brasileiro, de sangues indígena - minha mãe era uma pequena índia cheia de sabedoria -, africano e português, quem sabe de sangue judeu, de sangue árabe. Mas meu filho João e minha filha Paloma trazem em suas veias o sangue italiano do avô florentino, da avó vêneta, e sangue italiano da paulista Zélia, minha mulher, minha companheira, minha namorada há quarenta e cinco anos. Os sangues se misturaram e cada vez mais se misturam no Brasil e essa é nossa honra e esse é o nosso orgulho.

Dessa nossa originalidade racial e cultural, da miscigenação e do sincretismo, nasce a criação brasileira: a música, a dança, a literatura, a arte, o cinema, o carnaval, o ritmo romântico e sensual - somos latinos e africanos, a Bahia é a mistura de Lisboa e de Luanda. Temperamos a melancolia portuguesa com a alegria de viver dos negros, misturamos o azeite de dendê, o óleo de palma, com o leite de côco e a farinha de mandioca em nossa culinária primitiva e refinada, misturamos os santos católicos com os orixás africanos, nosso catolicismo é fetichista, negamos o inferno e o pecado, preferimos a alegria e, por mais terrível sejam a miséria e a opressão, nós as superamos e conseguimos fazer a festa. Por isto somos invencíveis, somos uma nação mestiça, a nação brasileira.

Sobre mim e minha obra literária muito se escreveu, de bem e de mal. Disseram certos críticos que não passo de um limitado romancista de putas e de vagabundos. Creio que é verdade e orgulho-me de ser porta-voz dos mais despossuídos de todos os despossuídos. Disseram também que tenho a paixão da mestiçagem e dizem-no com raiva racista. Honro-me infinitamente de ser um romancista da nação mulata do Brasil. Creio que, querendo ofender-me, esses críticos me exaltaram e definiram.

Resta-me dizer-vos muito obrigado. Ao fazê-lo eu deveria citar os nomes, muitos, daqueles italianos ilustres e generosos que ajudaram o escritor brasileiro, o romancista baiano, em sua travessia da Itália. Seria uma longa lista de nomes, amigos caros ao meu coração, todos eles, e a todos sou grato devedor. Ao pronunciar aqui, nesta hora solene, os nomes de meus queridos amigos Luciana Stegagno Picchio e Dario Puccini - a grande, a admirável Luciana, o lúcido e fraterno Dario - estou recordando e agradecendo a todos aqueles que dedicaram tempo e atenção aos meus livros e a este brasileiro que admira e ama a Itália.

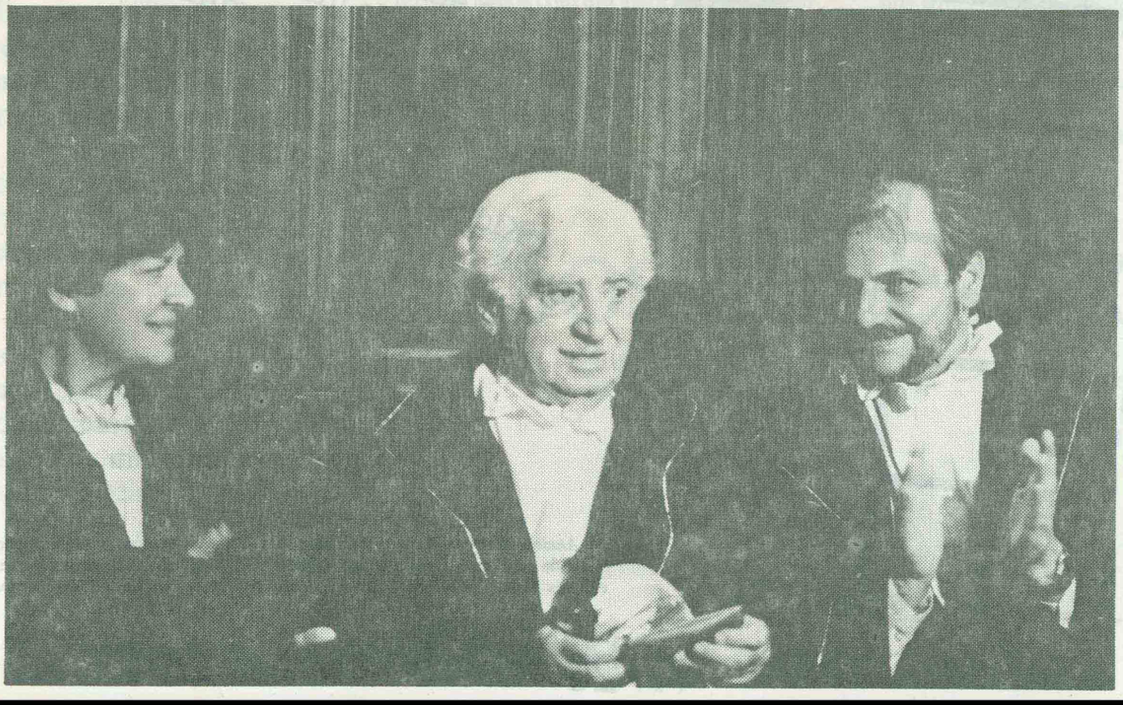
Ao agradecer ao Magnífico Reitor Professor Attilio Alto, ao Presidente da Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras, Professor Vitilio Masiello, não posso deixar de me referir, em especial, aos professores Giovanni Ricciardi e Fernanda Toriello, a cuja bondosa estima devo a láurea que hoje aqui recebo, honrado e comovido, deste ilustre Senado Acadêmico.

Eu a dedico a Zélia Gattai, filha de pais italianos, memorialista de telento, escritora de sucesso, com quem comparto, há quase meio século, o leito de amor e a aventura da vida.

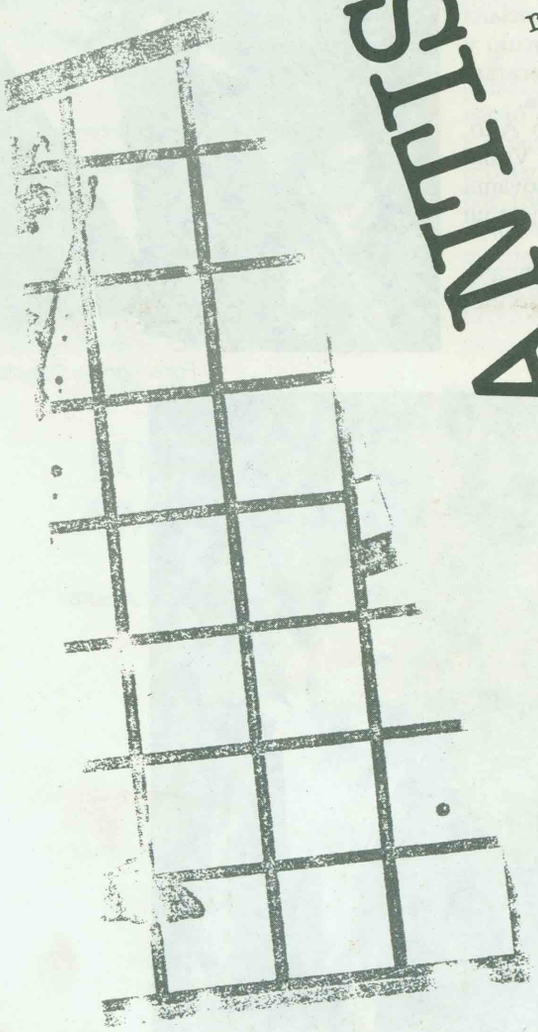


Fotos Agnese Purgatorio





ANTISKOKIAAN



Levitando na Lapa
ouvi na voz de Wiesel
(judeu que sobreviveu
ao Grande Fim)

Kidush Hahaím

- Nos guetos de Varsóvia,
rabinos recitavam -

Kidush Hahaím

(sacralizar
a vida
para salvá-la;
não colaborar
com a obra
do extermínio)

E agora em guerra
com a parte de mim
que quer o meu extermínio
repito o refrão rabínico

Kidush Hahaím

Antônio Risério *nasceu em Salvador, Bahia. Poeta, ensaista, letrista, publicou* A Banda do Companheiro Mágico, Gilberto Gil - Expresso 2222, Carnaval Ijexá, *e* Cores Vivas *na Coleção Casa de Palavras da Fundação Casa de Jorge Amado.*

Revisão Revista

Esta pequena reunião de textos de Sosígenes Costa compõe-se de oito pequenas prosas, na realidade "registros sociais" dispersos, até então desconhecidas, publicadas no O Jornal, Bahia, numa seção denominada "Jardim Suspenso" que foram localizadas na única coleção, incompleta, existente no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Os quatro poemas, também dispersos, fazem parte da sua produção inicial, localizados em "Seção de Periódicos" da **Biblioteca Central do Estado da Bahia,** não estando incluídos pelo autor em sua **Obra Poética,** publicada em 1959, nem na 2ª edição organizada por José Paulo Paes em 1978. É bem provável que o poema **Caminhos beirados de lírio** de 1924, seja sua primeira publicação em revista.

Acrescenta-se a esta reunião de textos dispersos, uma breve biografia e uma crítica sobre sua obra escrita por Agripino Grieco, publicada no Diário da Tarde, em 13/03/35. Levar ao público textos de Sosígenes Costa constitui-se um modo de despertar o leitor para uma das obras mais importantes da poesia brasileira.

Gilfrancisco

Sosígenes Marinho da Costa nasceu a 14 de novembro de 1901, Belmonte, cidade litorânea da zona de cacau no Sul da Bahia, onde fez os primeiros estudos e onde seria mais tarde mestre-escola e lá viveu até 1926, quando se transferiu para Ilhéus onde passou a maior parte da vida. Sosígenes trabalhou na Associação Comercial, foi redator do Diário da Tarde e telegrafista do DTC. Aposentando-se em 1954, passou a residir no Rio de Janeiro. Seus poemas começam a aparecer ocasionalmente em jornais e revistas a partir de 1924, em pleno fervor modernista de Pinheiro Viegas, que tentava renovar a literatura baiana ao lado dos jovens de **Arco e Flexa** e de **Samba,** e à Academia dos Rebeldes de Salvador, da qual faziam parte Jorge Amado, Edison Carneiro, Dias da Costa, entre outros.

Por ser uma poesia ainda muito pouco conhecida e que raramente aparece em antologias, o poeta grapiúna continua desconhecido da crítica mais alerta ou do leitor de poesia mais bem informado. Sua poesia se tornou mais difundida e admirada com a publicação dos livros: **Pavão, Parlenda, Paraíso,** de José Paulo Paes, Editora Cultrix/Pacce, 1977; **Obra Poética,** 2ª edição, revista e ampliada, acrescentando setenta novos poemas, Editora Cultrix/MEC, 1978 e finalmente a publicação do longo poema narrativo escrito em 1933 **Iararana,** Editora Cultrix, 1979. Esta edição é enriquecida com um texto de Jorge Amado e com ilustrações especiais de Aldemir Martins. Sua obra, sem nenhuma dúvida, uma das mais belas, com poemas nos quais a terra se impôs com um vigor, um esplendor, uma verdade que raramente encontramos na poesia brasileira, continua desafiando leitores e críticos.

Sobre ele, disse o crítico Agripino Grieco (1888 - 1973), um dos mais atuantes desde o Pré-Modernismo: *Um dos melhores poetas do norte do país é Sosígenes Costa. Solteirão, esquisito. O vocábulo "cegonhento" apesar de um pouco preciso, com que foi fabricado para ele. Está no mundo com um ar de pernalta pensante. Funcionário dos Telégrafos e escriturário de uma associação comercial, desforra-se dos seus magrissimos ordenados em esbanjamentos poéticos de pedrarias e sedas, como raros dos seus confrades se permitem. Na imaginação desse asceta há sempre um pecaminoso rumor de saias proibidas. Qualquer mulher se lhe afigura "princesa, atriz e gata". Vinga-se do seu isolamento e de sua imobilidade em visões como as não tiveram Sardanapalo e Sinbad o Marítimo. Recorda sempre os belos dias que passou em Belmonte e fala dessa cidadezinha do interior da Bahia como se falasse do Oriente, acendendo todas as gambiarras, fazendo faiscar todas as ouriversarias, compondo toda as decorações florais. E um admirável ornamentista de frades. Modernista, ainda crê na rima rica e um excesso de luz como que lhe torna certas passagens obscuras, numa espécie de névoa de ouro. Esse filho da roça pensa nas Venus de París e alude constantemente a pavões e castelos. Sente-se perdido numa Taiti que fosse cheia de duquezas enjoalhadas pelo francês Lalique. Muito justo o que escreveu dele, em famoso artigo, Edison Carneiro, especialmente ao acentuar que Sosígenes transfigura tudo isso, em matéria nossa sente tudo isso brasileiríssimamente. Ainda meio simbolista, diz ser ele "pagem da Musa e príncipe da Morte", mas é um panteista bem vivo ao inebriar-se na gama de amarelos do sol dos trópicos. Sua amada tem "trinta anéis de pérolas ovais", mas o seu "noturno de Ilhéus", a descrição da cidade iluminada, é algo de bem contemporâneo.*

de Sosígenes Costa

Para As Mulheres Românticas

Vou ver da praça a lua, essa mulher de gelo
que se vestiu de branco e pôs um resplendor.
E colho um malmequer que um novo setestrelo
formava com mais seis no mesmo pé da flor.

Não sei pra que o colhi. Não devera colhê-lo.
Só deve um malmequer colher, quem tem amor.
Quem não ama, não tem desconfiança ou zelo
e nunca que consulta o oráculo da flor.

Não amo, atualmente. Em julho eu não namoro.
Proibiu-me o doutor. Preciso descansar.
Se não me contiver... facilito e pioro.

A lua é malmequer, também, mas sai do mar.
Se neste mês de julho a ninguém mais adoro,
não devo um malmequer, portanto, desfolhar.

(Revista Única. Ano I, nº 14. 16 de abril de 1930 - Salvador)

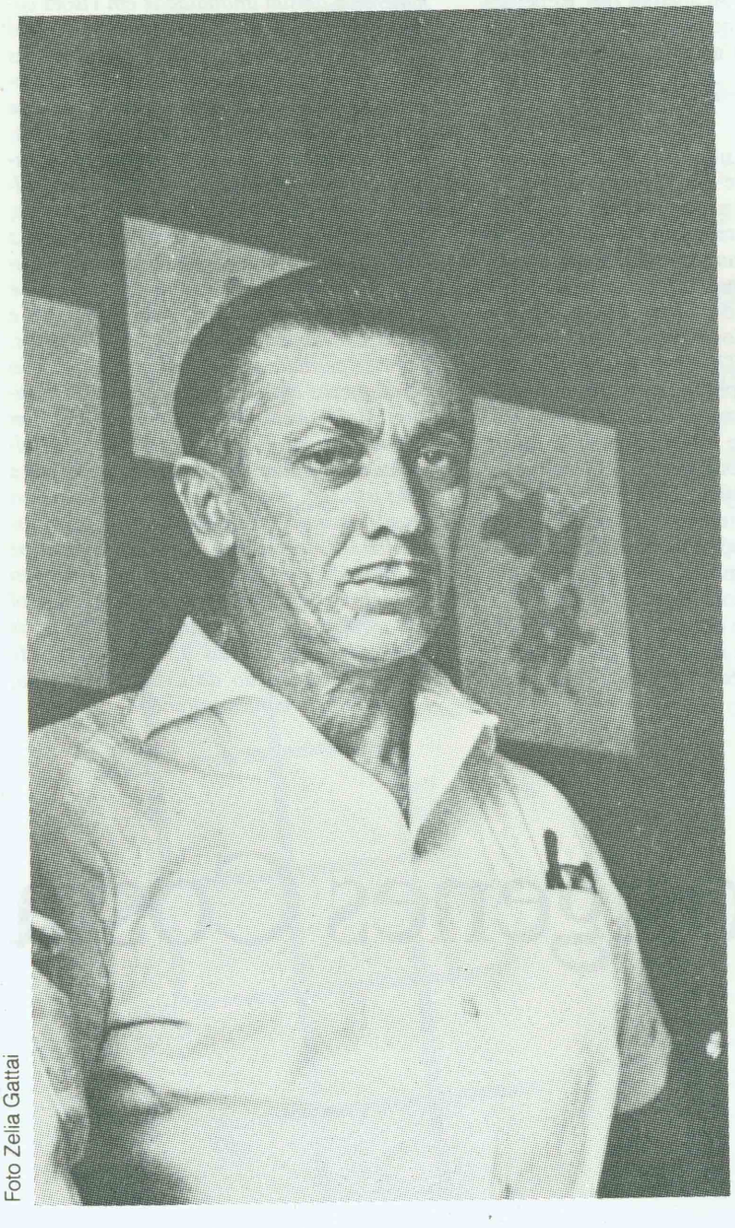


Foto Zelia Gattai

A Flor Entre Muralhas

A China é um lotus, uma flor celeste.
O sem-fim dos azuis de uma redoma
cujo cristal é o último céu de Leste!
No fim do azul é que começa o aroma
que indica a porta dessa flor celeste.
Suspensa em mirra no longínquo assoma.
Mas como é longe esse portão de Leste!
Venci, porém, essa distância enorme.
Voei sobre infinitos de cipreste
e estive dentro dessa flor um dia.

Quando transpus o pórtico do lótus,
os habitantes dessa flor celeste,
homens quimeras e pintores silfos
se abanavam sorridentes com seus leques.
Era um verão excepcionalmente quente
no interior desse cálice de aurora,
mas as mesuras e a gentileza se desdobravam
em homenagens odorantes.

Muralhas de corolas resguardavam
a ânfora dos pagodes
e o relicário dos palácios.
Em toda a parte o milenar letreiro:
vedado o acesso aos vândalos
e agora também à exploração e às moscas.

A cidade toda fechada em pétalas
Aroma estratificado em granito,
quilômetros de bronze,
trincheiras para a eternidade do aroma.

Terra, que é uma flor,
com uma cultura de jade e de verbena,
a conquista da sua liberdade
é um acontecimento de açucena.

Através das idades
foi a presa ideal de todos os vampiros.
Mas resistiu e persistiu quimera,
emanação de sonho e primavera.
Hoje está livre. Já não teme os tártaros.
Sua muralha é um pormenor floral.
Fecundada pelo mito do dragão,
e agora mais que nunca
um ninho de arroz e de cigarras,
a fragilidade vital e iridescente,
atributo da flor casta e sadia.

É a força oculta sob o véu da flor,
manifestada num doirado fruto,
flor que sempre encheu o mundo de poesia.

Pequim, 1955 - Rio, 1956

(jornal **Para Todos**, 10 a 23 de maio de 1956
ano I nº 1, Rio/São Paulo, página, 11).

É a Hora das Epopéias

Há de chegar esse dia
das epopéias divinas
e divinais odisséias
com festins ideais.

Castro Alves há de ver
na tumba de seus avós
a hora das epopéias.

Tiradentes, que estás pálido
com tua fronte de Cristo,
não tenhas medo da forca,
desperta essa multidão.

Não tenhas medo da forca,
enfrenta Maria Pia
que essa rainha é uma louca
e está com epilepsia,
embora viva no trono
coberta de pedraria.

Com tua fronte de Cristo
e esse teu manto da morte
que a morte está constelando,
Tiradentes, que estás pálido,
desperta essa multidão.

Lá vem Felipe dos Santos
descendo do Itatiaia.

Não foi amarrado vivo
à cauda de um poltro bravo
e Vila Rica não viu
seu corpo despedaçado,
seu sangue pelas ladeiras?

A liberdade não morre.
Durante as trevas da noite
se a sufoca a tirania,
muito mais bela renasce
quando surge a luz do dia.

Quem disse foi Castro Alves
sob este céu da Bahia
que a liberdade não morre.

Lá vem Felipe dos Santos.
Ó noivo da liberdade,
não tenha medo da morte,
enfrenta Maria Pia.

(Jornal **O Amigo do Povo.** 25 de maio de 1950
Ano I, p. 4, Salvador)

Caminhos Beirados de Lírio

Nove horas. Sol quente. Lírios fragéis,
como falenas de um violáceo lindo
que pousassem nas folhas leves, ágeis,
ao longo das estradas vão se abrindo.

Um cheiro morno a rosa e a mel se evóla
excitando o apetite dos insetos.
Uma cigarra zine. É uma viola
d'asas que canta aos pássaros quietos.

Os lírios e as cigarras são o encanto
dessas doces estradas curvilíneas
d'areia cor de enxofre, onde ando tanto
buscando sonhos e cantando zínias...

Fontes feitas de chá escorrem pelas
pedrinhas a chorar como de um bule,
e vão cair, de um salto, erguendo estrelas,
numa lagoa de lápis-lazuli.

E as aves vêm beber-lhe a água, aos goles,
fechando de volúpia os olhos pretos.
Arrastam-se na relva cobras moles,
sem quebrar os junquilhos e os gravetos.

Agora cantam, zinem juntas, todas
as cigarras do campo em loira insânia;
e os lírios se abrem como para bodas
a essa selvagem ópera expontânea.

São tantos lírios que o vergel semelha
um jardim de arquiduque ou samurai,
É o banquete que ao beija-flor e à abelha
o sol de outubro oferecendo vai.

E as cigarras não param nem por nada
de cantar numa orgia panteísta,
numa esplêndida pândega doirada.

Estão bêbadas, certo... e a minha vista
se cansa de olhar lírios pela estrada,
azuis de opala, roxos de ametista.

Todo o caminho em sinuosa esplende
de cor, perfume, danças e algazarras,
a areia cor de enxofre ao sol se acende..

E eu fico sem poder, nos meus martírios
descrever com clarins e com fanfarras
essas manhãs vibrantes de delírios,

quentes manhãs do trópico, bizarras,
perfumadas por cem milhões de lírios,
cantadas por trezentas mil cigarras.

(Revista O Phanal - Ano 5 nº 17/18 - abril/maio de 1924 - Salvador)

NARCISO

Narciso resuscitou! gritavam as mulheres, quando aquele homem apareceu. Olhem Narciso ali! Aquele homem não pode deixar de ser senão Narciso! Não é outro senão ele mesmo que resuscitou.

E tomadas de súbita paixão, todas as mulheres o apontavam.

Ele, porém, não ligou importância às mulheres. Passou, sem olhar sequer os espelhos. Apenas, escolhendo a mais bela das mesas, sentou-se a uma mesa de jaspe, dando as costas aos espelhos. E pediu vinho. Imediatamente, um criado vestido de escanção lhe trouxe vinho de rei numa taça de prata, larga e rasa, sua taça predileta.

Então, os homens disseram às mulheres:

— Não vêem que aquele não pode ser Narciso? Aquele ama o vinho. E Narciso só ama o regato.

— Sim! disseram todos os homens. Está se vendo que aquele homem só veio à procura do vinho. Enquanto Narciso só procurava o regato.

Com efeito, Narciso, além da sua própria imagem refletida no regato, doutra coisa não se enamorou. Nem das mulheres. E nem do vinho.

Todavia, aquele homem não bebeu vinho. Uma vez livre da encantadora perseguição das mulheres, debruçou-se sobre a mesa de jaspe e abaixou a cabeça a procurar com os olhos alguma coisa que se refletia no fundo do vinho da taça de prata.

As mulheres não se tinham enganado. Aquele homem era Narciso mesmo.

O Jornal, 10-Out-1929 - Bahia

PINTURA DA MODA

Passou toda pintada, qual careta de carmim caparosa, vermelhão, na avenida da praia, onde a trombeta do mar desfere o glauco cantochão.

Ela é nossa moderna Julieta que ama Romeu de branco jaquetão naquela hora cor de violeta, em que a tarde romântica e faceta adorna os céus de penas de pavão.

Passou toda pintada, qual caneta, de tinta branca e de carmim loção, na avenida da praia, onde a trombeta do mar, que é todo azul, todo violeta, toca a marcha da atlântica aflição.

Passou toda pintada, qual careta, boca de fogo, olhares de carvão. É um demônio de pupila preta, com uma graça azul de borboleta e a moral de um faminto gavião.

Seus sapatos de baile e de etiqueta, brancos de neve, encantadores são, e parecem numa tarde azul, violeta, duas pombas pulando pelo chão, emquanto o mar tocando uma opereta, pela praia a girar qual carrapeta, a girar pela praia qual pião, na sua eterna química faceta, faz pela praia espumas de sabão.

O Jornal, 30-Set-1929 - Bahia

NINFA SOCIAL

Lírio vermelho da avenida, lírio pintado de ‹‹baton››, sabes gozar o sonho e a vida, fazer da vida um sonho bom.

Enches de sândalos a rua, e de perfumes o luar, quando passeias seminua, pela avenida à beira-mar

Sabes gozar o sonho e a vida, fazer da vida em sonho bom, lírio vermelho da avenida, narciso preto de Caron.

As tuas ancas têm as curvas da nova lira que afinei. Licor chinês, atrais e turvas o próprio espírito de um rei.

Sabes gozar o sonho e a vida, como um perfume de Caron, nova Cleópatra despida para um passeio de bom tom.

Até o papa, se te visse, não resistiria a sedução. Mulher, a tua faceirice levará o Pio a perdição.

Quando futricas na avenida, tens a impaciência de Ninon, como se foras a válida de um rei da casa de Bourbon.

Oh! certa vez... foi no cinema, num dos salões do Guarany, muito mais nua que Iracema, eu no cinema já te vi.

Garça pintada da avenida, que chupa amêndoa de bombom, sabes gozar o sonho e a vida, fazer da vida um sonho bom.

O Jornal, 02-Out-1929 - Bahia

TANGAS E TACAPE

Pintaste a tua boca de vermelho, gastando quatro quilos de urucú.

E, aceitando as idéias de um francelho que adota o velho estilo guaicurú, subiste o teu vestido, tão vermelho como a vermelha flor do mulungú, quatro palmos acima do joelho, exibindo na praça o corpo nú.

Amaram sempre os índios o vermelho: carijós; aimorés; agora, tu. Desculpa-me meter o meu bedelho. Mas tu, agora ‹‹bancas›› o aratu, com esse traje rubro de fedelho. A me servir de um futurismo cru, teu traje de antropófago assemelho a uma poça de sangue de tatu.

Teu vestido é mais rubro que um francelho que apanhasse um tabefe guaicurú.

Teus vestidos são tangas com os violentos matizes que há na flor do mulungú. Teus vestidos de enfeites turbulentos, ao grande estilo, estilo a guaicurú, foram usados em mil quinhentos pelas amantes de Caramurú.

Pintaste a tua boca de vermelho, gastando quatro quilos de urucú. E vinhas empunhando a bolsa e o espelho, com tua tanga estilo guaicurú, penteada a rapaz, a rapazelho, com teu brilhante corpo todo nu, quando, em frente da esquina do Hotel Coelho, dr. Lyra, caindo de joelho, gritou: Paraguassú! Paraguassú! mulher de tanga, moça de vermelho, por piedade não me comas tu!

És, moderna, retórica, afetada; não falas português, mas Franciú. Se queres ser francesa e requintada, por que te vestes como um guaicurú? Contradição! Pois sendo afrancesada, deitas a tanga e cantas o lundú. E quanda vais ao baile da embaixada, com teu colar dos Incas do Peru, só danças dança de índio e de negrada: charleston, poracé, maracatú.

O Jornal, 01-Out-1929 - Bahia

DEPOIS DO PECADO

Deus fez a folha da vinha para cobrir a nudez do elegante almofadinha e do rude camponês. E, dentre as folhas da parra, Deus fez uma cor de rosa, para cobrir, mais bizarra, o corpo da melindrosa.

Deus fez a folha da uva. Mas o demo não gostou e fez, então, a saúva que essa folha esburacou.

A linda folha celeste ficou, portanto, escabrosa.

Eis porque a melindrosa, quando, agora, a folha veste, fica tão indecorosa.

O Jornal, 03-Out-1929 - Bahia

A FRAUDE DE VÊNUS

Anda iludindo os deuses Afrodite, com surgir do esplendor que a moda gera; lançando mão do que se não permite a uma entidade de tão alta esfera.

A indústria, indo-lhe ao encontro, a seu convite, faz da graça uma fórmula insincera. Não surge mais das ondas Afrodite. Foi-se o tempo da idade da quimera.

Não se servia de artifícios tantos, antigamente, a deusa. Hoje, os procura. Deles vive. A iludir os deuses santos, nasce da moda, em vez de grega e pura, surgir daquele pélago de encantos que está na sua própria formosura.

O Jornal, 07-Março-1930 - Bahia

PLANOS

O gênio está em cima. A mediocridade, como um réptil, no chão. O gênio, íntimo das águias, repousa a fronte nas estrelas. O medíocre, rei dos batráquios, encontra na poeira o seu natural envoltório. O pó é a intimidade dos medíocres. As estrelas, travesseiro do gênio. O gênio, super-homem de Nietzsche e herói de Vargas Vila, repousa a fronte no colo da imensidade. A imensidade é a Julieta do herói de Vargas Vila. Julieta com os cabelos entrelaçados de cometas, tendo por cinto o anel de Saturno. Julieta do coração de fornalha, escorre-lhe dos olhos um latão fervente, e o seu amor nos atira a um mar de glória e de absinto. A imensidade não pode deixar de ser senão u'a amante shakspeareana, com atributos entrevistos em Patmos.

Entrementes, o medíocre, super-batráquio inteligente e vítima de Aristofanes, povoa os planos interiores da Criação. Porque ele reina sobre os invertebrados. Tiberio fê-lo governador das rãs. Deu-lhe uma corte de satélites que coaxam. Vá lá! Elogiemos o medíocre. Não fique o rei dos anfíbios sem a sua exaltação. Nada mais fácil para Arisóganes. Ponha-se, por exemplo, a tiara dos berilos na cabeça da rã soberana. Seja a rã levada em cadeira gestatória. A rã de báculo! Hilaridade na platéia ateniense. O homem medíocre é a ênfase da comédia.

Continuemos o paralelo. O gênio, dominador por excelência, pisa nas estrelas, ‹‹domus áurea›› do egocêntrico, ‹‹turris eburnea›› do autolatra. O medíocre tem a cabeça onde o gênio tem o pé. O gênio está à cavalheiro da mediocridade. Pégaso voando transporta o eleito de Wilde, o imagnífico de D'Annunzio. A mediocridade imita o galopar de Pégaso, dando saltos de batráquio: nem, ao menos, quadrupeja.

O gênio realiza milagres. A mediocridade acredita em milagres. O gênio é criador, realiza o poder bíblico do verbo. A mediocridade com seus batráquios acredita, crê piamente no gênio, único Homem, verdadeiro Ser, conviva de Platão, exaltado de Emerson.

O Jornal, 30-Dez-1929 - Bahia

VANIRA ZULNÁ

Ela é tão irresistível, que é o pão de cada dia do esteta. Se ela é o pão de cada dia do esteta, é digna de uma estátua. Merece copiada no mármore para adorno das praças e inspiração de quem nascer inteligente.

Outro dia, um estrangeiro, que veio vender quadros de arte em nossa terra, perguntou extasiado: Quem é esta que se impõe pela beleza? Quem é esta tão bela que se impõe à admiração da turba como se fosse uma heroína?

E lhe disseram: Esta é a mulher que se tornou a decoração de nossas festas. Esta é a que sabe escolher vestidos e fez do som da fala uma obra prima. Esta é a mulher privilegiada que se conserva sem rival e cuja beleza não se envelhece, antes aumenta e é sempre nova todo dia. Como vês, esta, senhor, é o ídolo do povo. Esta é a mulher que encarna a elegância da cidade. E, por isso, todo o povo a adora, e, todas às vezes que ela passa nas ruas da cidade, muita gente corre aos jardins e tece apressadamente uma grinalda de rosas de Belmonte e a coroa de rosas, porque muitos acham graça nesta terra só por causa dela. Com efeito, nossa terra sem ela não teria a graça.

E o estrangeiro perguntou: Como se chama o vosso ídolo?

E todos disseram: Tem um doce nome, senhor! Chama-se Vanira Zulná.

E o vendedor de quadros de arte, que tinha um nome arcaico e uma cabeleira muitíssimo gabada, foi-se pensativo a dizer pelo caminho:

Louvada seja esta, cheia de graça , que avassala os espíritos e obriga as bocas aos louvores. Esta para quem se fez a apoteose. Esta que se fez a musa. Esta que tem um doce nome. Esta que a imaginação do povo colocou sobre uma charola. Esta cuja aparição constitui um espetáculo e um acontecimento. Esta que, à primeira vista, acende no cerébro do estrangeiro uma lâmpada que jamais se apaga. Feliz de quem nasceu a seu lado, porque pode gozar-lhe o encanto inacessível. E mais feliz do estrangeiro que vem a este lugar, porque vendo a que, agora, tanto bendigo e louvo, apesar de tê-la visto uma só vez, levará, se for um verdadeiro artista, uma impressão doce qual o mel e duradoura como as criações da fábula, porque ela é tão impressionante que nem parece uma criatura da Vida, mais uma criação da Arte.

E desse dia em diante, essa oração tornou-se o estribilho de todas as suas horas, e nunca mais o vendedor de quadros se esqueceu daquela terra que lá ficou entre a torre branca de um farol e uma porção de coqueiros verdes, porque não pode mais se esquecer da mulher tão soberanamente encantadora que, coroada pela admiração universal, representa um povo e simbolisa uma cidade.

O Jornal, 10-Jan-1930 - Bahia

Gilfrancisco é professor e jornalista.

BRENO DE CASTRO

ELEGIA

E ainda que meus olhos sejam cores
que o ar esteja frio e o mar revolto,
ainda que as estrelas se enumerem
uma a uma
e o sono grego me visite à noite
Mesmo que eu leve aos lábios uma taça
de vinho
que os espelhos me reflitam, que eu te ouça
Mesmo que eu molhe meus lábios de sangue
na Transilvânia,
que eu te viole, que eu toque teus cabelos
que no teu quarto como um passarinho
(e não como morcego) esvoaçasse
Ainda que as estrelas se enumerem
uma a uma,
ainda que teus olhos sejam cores
e o sono grego te visite à noite

Você o ama então;
e eu não sou ele

Breno de Castro é psiquiatra. Publicou A Lenda da Loura Obscena *(poesia).*

ELIZABETH HAZIN

OS PODEM

Pôs o vestido indiano e saiu pensando em comprar sonhos na padaria da esquina. A las cinco em punto de la tarde, teria um cafezinho e sonhos (que tédio era viver). Ainda bem que era gente. Gato, teria sete vidas. Sete vezes tanto tédio. Jogou as chaves na mochila de croché, já pensando no trabalho que, na volta, teria para encontrá-las em meio a tanta coisa. Apertou o botão do elevador.

— TRIIIM !

O telefone, é o telefone. Meu Deus, quem será? e as chaves? Tinha de encontrá-las rápido. Meteu a mão na mochila, pescou um espelho miúdo. (Eu era bonita, rosto no espelho, me olhava bem nos olhos, sem medo).

— TRIIIM !

Revolveu as coisas da mochila, o coração pulava, ela o sentia no pescoço, na cabeça, nas mãos. Por que sempre era tão difícil encontrar as chaves? Pensou em derramar tudo no chão, mas daria trabalho, mais fácil seria encontrá-las assim mesmo. Seus dedos se prenderam num prendedor de cabelo. Made in France. Comprado lá. Mas já nem usava aquilo. Nem lembrava mais. (— "Não corte o cabelo, gosto dele assim. Mulher tem que ter o cabelo comprido".)

— TRIIIM !

Ah, Deus, será que vai dar tempo? Droga de mochila. Devia ter pegado a bolsa de couro claro. Ou ficado com as chaves na mão. Topou com os cigarros. Apertou o maço com impaciência. ("— Se você não parar de fumar, você para".)

— TRIIIM !

Não sabia mesmo por que havia tanta coisa naquela bolsa. A vida parecia difícil, sem opção (de tantas). Sentia um cansaço terrível. Vontade de ir embora e esquecer o telefone, afinal já tinha saído mesmo. Mas alguma coisa dentro dela resistia. E ela se agarrava a esse restinho de

Sonhos

vida. Pegou o isqueiro, dessa vez. Com raiva, atirou-o de volta à bolsa. Uma chama quase no fim, ela era. (— "Olha o que te comprei. O fogo sempre me lembra você").

— TRIIIM !

A cada chamada, ela estremecia. Quem será? Só essa incerteza é que a movia. O que estaria pensando a pessoa que ligava? Teria paciência? Por favor, espere. Precisava saber quem era. Falar com alguém. Remexia com pressa e angústia todas aquelas coisas. Os óculos escuros, mas o que ela queria era o molho pesado de chaves. (Não posso mais ver o sol, não suporto.)

— TRIIIM !

Quantas vezes havia tocado? Ela sempre contava, mas dessa vez, preocupada com as chaves, esquecera. Parecia-lhe que já tocava há uma vida. Coisa monótona, a vida. E pensar que gato tinha sete. Ah, finalmente. Sentiu com prazer as chaves na mão. Apertou-as. Era como se tivesse chegado a um porto. Daria tempo. Tinha que dar. Abriu a porta, o telefone quase à mão, ali no hall. Tropeçou no tapetinho da entrada. ("Tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha um pedra". Drummond.)

— TRIIIM !

Deus do céu! Quantas vezes? Estendeu a mão, suspirou ao ter certeza de que a pessoa a esperara com carinho. Sentiu-se tranqüila, enfim. Tudo estava bem.

— Alô!
— Queria falar com Mariana.
— Aqui não tem ninguém com esse nome.
— Desculpe, então, foi engano.
— Não tem importância.

Ajeitou mecanicamente o tapetinho da entrada, fechou a porta e apertou - com força - o botão do elevador.

— TRIIIMMMMMM !

Esperar

Elizabeth Hazin é pernambucana de Recife. Radicada na Bahia, é professora do Instituto de Letras da UFBa e autora do livro Martu, *prêmio Rio de Literatura 86 de poesia.*

JORGE VIVEIROS DE CASTRO

EPÍLOGO

... e pra te confessar, palavras doces
lembrando nosso caso que não houve
Mil beijos melados, guardados, náufragos
no meu copo, mas quero tua boca

no meu corpo romântico lunático
onde a música antiga continua
feito a noite, teu riso, brilhas, lua
nessa rima, nudez tão improvável

Falo sério (mas ouço o que não quero)
Tão terno, meu amor de brincadeira
que se diverte escrevendo versos

Louco: pois quando te encontrar de novo
Lembrando nosso caso - que não ouves
- ainda vou dizer palavras doces

Pintura Cesar Romero

Jorge Viveiros de Castro tem 23 anos, é músico e jornalista. Inédito.

ADEMIR ASSUNÇÃO

Filme

l u a: lâmina de sabre no céu
sobre
vento água fogo
& fog

vozes (tchaus
& até logos) de lugar nenhum
na gaze fria

& a noite envolvia-nos na névoa
com sua camisa de luzes
com seu casulo de nuncas

velha lamparina
vela a chuva na janela à toa
entrelábios flora rara trança loura
belamiga rindo rindo rindo vindo me desfolha
lingerie despida breve brisa sei minha face crispa
e doura

Ademir Assunção é poeta. Editor da revista K'AN, *de Londrina, Paraná.*

DULCE FERRERO

PESSOAS

pessoas se mostram
e se desculpam
pessoas não são
pensam que são
somente pessoas
não sabem que são
pessoas que não

pessoas se explicam
não são mentiras
pessoas se mostram
não são só desculpas
pessoas não são
as que pensam que são
são somente pessoas
que se desculpam em vão
pessoas são
as pessoas que são

Dulce Ferrero nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo. Arquiteta de formação, é roteirista e produtora de tevê.

CLÁUDIO FELDMAN

três minicontos

1 - o inimigo

amadeus conferiu os cacos de garrafas nos muros altíssimos
fechou os três cadeados do portão
soltou os ferozes policiais
e só então a segurança veio banhar o seu rosto
descontraído espichou-se num sofá branco

e foi assim que o acharam assassinado pela tv

2 - a terceira mão

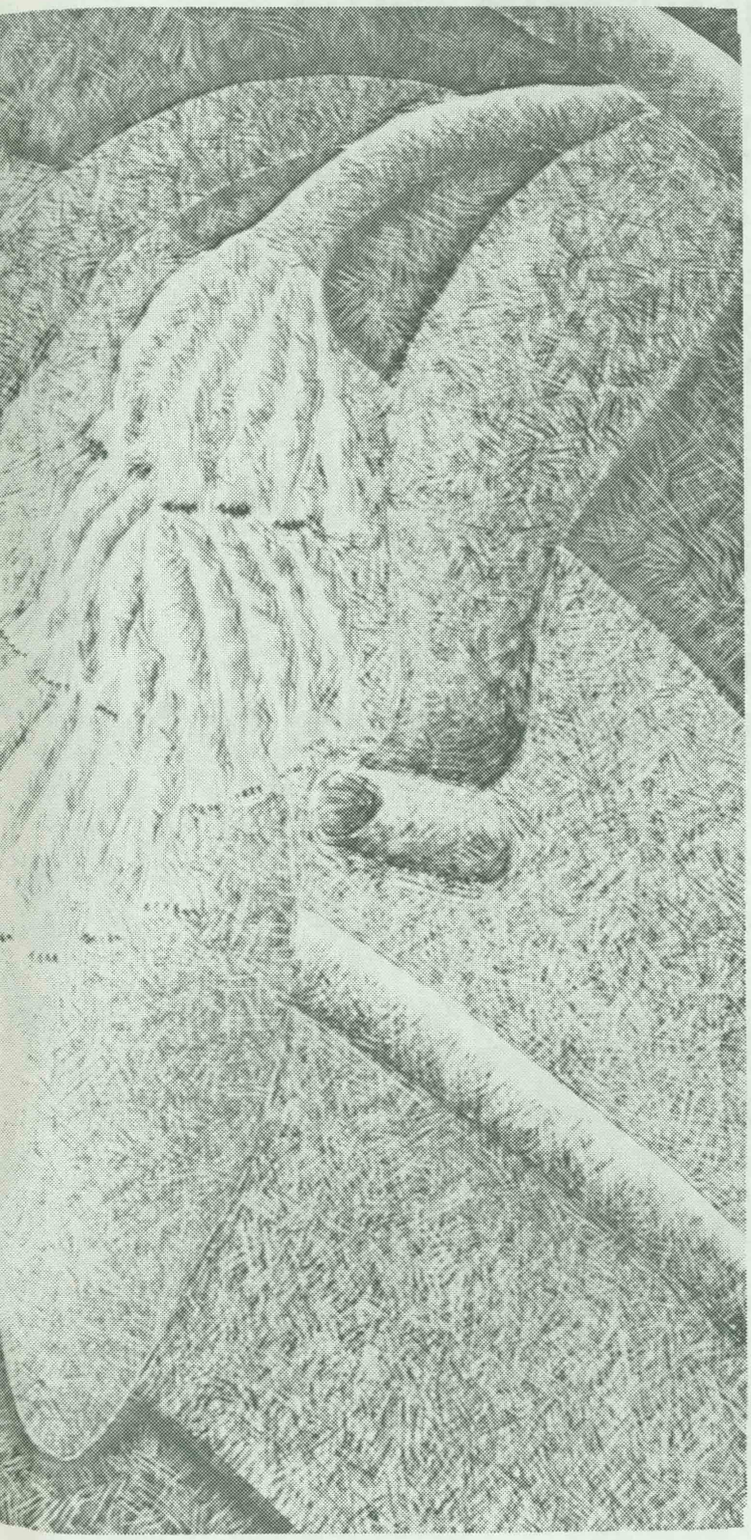
a) o prisioneiro estava amarrado quando uma súbita
terceira mão desatou os nós
e sumiu

b) em liberdade ele a procura continuamente
por todos os desvãos do universo

c) mas ela nunca mais brotou do escuro
nem para desatá-lo da perplexidade

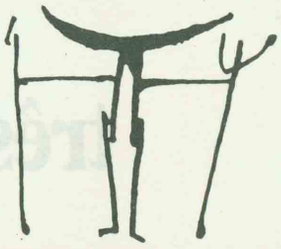
3 - a bibliotheca

a bibliotheca do prof. magnus klein possuia
2.000.000 de livros poeira e traças longe dos transeuntes em um immenso edifício de 450 janelas
com escadarias de mármore ébano de carrara
a bibliotheca custou 800.000 contos
de réis e seus volumes collocados uns sobre os outros attingiam altura superior ao hymalaia
durante a epidemia de cholera-morbus
a morte subiu as escadarias e surpreendeu o prof.
magnus entre os 2.000.000 de livros poeira e traças
agora ninguém mais le o universo



Pintura Gilson Rodrigues

Claudio Feldman é autor de 17 livros. O mais recente, Rabelo Ganhou um Camelo.



QUEM FAZ O SEGURO DA CASA DE JORGE, PODE MUITO BEM FAZER O SEGURO DA CASA DE ÂNGELO, DA LANCHA DE CARLOS, DO CARRO DE PAULO, DA LOJA DE CRISTINA...

Quem faz o seguro de um patrimônio tão valioso como a Fundação Casa de Jorge Amado, pode muito bem fazer o seguro do seu patrimônio.

DS/2000

JABS CORRETORA DE SEGUROS

Av. E.U.A. 18B, Sala 101 - Tel.: 242-6523/243-7528

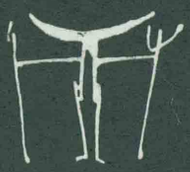
ESCRITÓRIO JULIO ABE WAKAHARA SCL

PROJETO MUSEU DE RUA PROJETOS CULTURAIS EXPOSIÇÕES



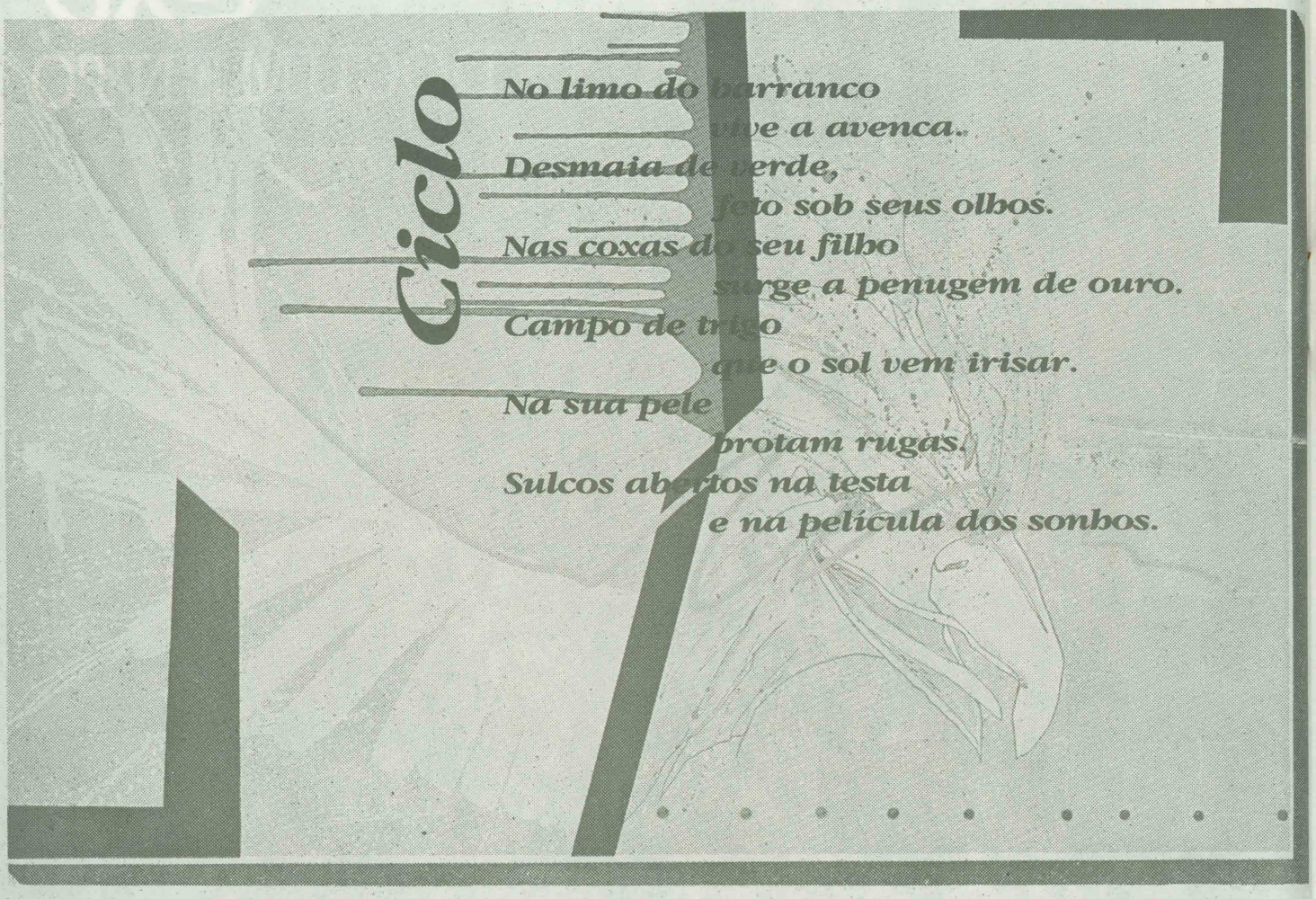
Rua Frei Caneca, 466 Tel. 257-9609 CEP 01307 São Paulo SP

EXU
DOCUMENTO



Cursos, seminários, palestras são realizados na programação mensal da Fundação Casa de Jorge Amado. Tendo por objetivo registrar estas atividades, documentando-as para um público mais amplo, a EXU vem editando estes trabalhos. Neste número, *Oswald de Andrade, Candidato do Povo à Academia Brasileira de Letras/1940,* de Edilene Matos, palestra realizada no dia 5 de junho de 1990 em Salvador, Bahia.

DONIZETE GALVÃO



Pintura Gilberto Salvador

LÁZARO TORRES

Não havia dúvida: a janela do meio, no segundo andar. Entrara alí, apenas uma vez mas não havia razão para se preocupar. As indicações bem detalhadas, poderia até mover-se dentro do prédio de olhos vendados. "Às nove, é quando ele desce para jantar". Chegara ao "boulevard das margaridas" às oito e cinquenta e, à primeira vista, não havia ninguém por perto. "O hotel a esta hora sempre está vazio". Era verdade. Empurrou, cuidadosamente, o portão. Silêncio absoluto. Um gato preto, com seus olhos fosforescentes, riscou a escuridão da noite. A haste enferrujada do portão escorregou entre seus dedos úmidos. Respirou fundo, até retomar a serenidade. Alguns passos curtos, quase acariciava a grama orvalhada e macia. Deteve-se, para um melhor reconhecimento da trilha estreita que o levaria até a parte mais baixa do muro. As ruínas do que presumia ter sido uma casa, serviam de trampolim para chegar ao ponto mais elevado da muralha. Por um instante, encostou-se à parede úmida e voltou o olhar para a janela do meio, que se evidenciava na fachada marcada pelo tempo. Uma sombra dançava pelo teto do quarto. Um pouco mais e a luz forte apagar-se-ia, dando lugar a uma outra, que desenhava, com suavidade, o espaço reservado à janela. Luz de abat-jour, pensou. "Muito cuidado. Ele tem uma conduta irregular e você não pode ser visto". Klingsor conhecera o medo uma única vez, no pântano, quando escutava o zumbido dos mosquitos, sem poder mexer-se. Resolveu dar alguns passos à frente pois sabia o que deveria ser feito. O Chefe sempre fora um perfeccionista e na arte da sabotagem ninguém o igualava. A perna esquerda, ligeiramente adormecida, o impedia de seguir adiante. Voltou a encostar-se no muro, esquivando-se da luz que chegava de um poste de iluminação. A perna tornara-se pesada. Breve lufada de vento agitou as folhas, num murmúrio suave. Klingsor assustou-se, com o rumor inesperado. Na parte menos obscura do jardim, uma gota de orvalho cintilava, sobre uma folha de jasmineiro. A perna direita denunciava um ligeiro distúrbio de circulação. "Este cara não deveria morrer assim". Transferido de uma prisão para outra, àquela altura Klingsor imaginava que ele estivesse no fim. Que perigo poderia representar um sujeito cuja memória era uma negação? Seu cérebro estava dividido: de um lado, desejava desincumbir-se da missão que lhe fora confiada; de outro, via-se tentado pela compaixão. Lembrou-se do primeiro presente do tio Otto. Era um estilingue de aço, que ele usou durante muito tempo para caçar passarinhos. Desde aquele dia, a maldade fervilhava em suas entranhas. "Diabos!" Estava metido naquela coisa até as orelhas. Não era uma pessoa igual às outras, a quem o trabalho dignificava, tornando-as boas e honestas. A cada vez que executava o seu trabalho, sentia-se um canalha. Os anos se passaram, acabou se acostumando. Aprendera a gostar do seu ofício, o que fazia dele um homem reconhecidamente mau. Nada o faria desistir. Principalmente, por ser aquela missão uma ordem de Otto Von Stein. Impulsionando o corpo para cima, chegou ao alto do muro. Dalí

A dureza do instante

Um tapete de goiabas
estende-se sobre a grama.
Os jacintos em bloco
ergueram suas flores.
Poderia ser este o lugar.
Este o tempo do repouso.
Mas a roda denteada nunca pára.
Mói o caramujo envolto em formigas.
Mói o cão içado do poço por um balde.
Mói os fios de cabelo de Anita
que protegem os pés de rosa.
Mói as rosas.
(Lá vai a mulher com a pedra no bolso.
Lá está ele na cama com os tubos no nariz).
Há perfumes de jacintos
e goiabas vermelhas no outono.
Mas cada instante tem sua polpa
e no centro o áspero caroço.

Donizete Galvão *é autor de* Azul Navalha,
prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 1988
e indicado para o Prêmio Jabuti 89.
É jornalista e publicitário.

a vingança

conseguia ver parte da despensa. Alguns ratos, assustados com a visita inesperada, dispersaram-se. Teias de aranha roçavam-lhe o rosto, algumas formigas mordiam-lhe as pernas. Após novo esforço, conseguiu chegar à marquise. Subitamente, teve a certeza de que estava sendo observado. Percebeu alguns ruídos de passos furtivos. Num desesperado esforço de equilibrista, conseguiu virar-se na direção do jardim. Um sujeito enorme, bastante gordo, catava restos no tonel de lixo da esquina. Era o "louco das docas", bastante temido, segundo a velha governanta dos Stein. Nem tanto pela agressividade mas, pela aparência hostil, por aquele seu aspecto monstruoso. Ao escutar o riso ululante, Klingsor sentiu-se pior. O homem ria de satisfação toda vez que encontrava entre os restos alguma coisa que o interessava. Minutos depois, deixou o local, grunhindo como um animal selvagem. Klingsor respirou fundo, quando o viu se afastar na direção do cais. Uma tentativa de dissipar a estranha sensação de pânico que o dominara. Devia, a todo custo, manter-se na obscuridade. Era uma das recomendações de Stein. Tornava-se difícil manter-se naquela posição por muito tempo. Após novo impulso, conseguiu elevar a perna semi-adormecida, até a parte superior da marquise. A alguns centímetros do peitoril da janela do meio, seu coração batia, disparado. Mais alguns movimentos e pronto: tudo estaria terminado. Entraria no quarto, colocaria a bomba sob a cama do rapaz. O resto, era lá com o Chefe. "Não se preocupe. É um artefato de controle remoto. O importante é não se deixar apanhar lá dentro". Outra vez, o temor. "É aí, que a maioria fraqueja, se apavora, se entrega". Arrastou-se para frente, um pouco mais. Esgueirando-se, chegou ao vão da janela. Naquele momento, ele era uma silhueta contra o teto branco do quarto. O vento soprava, forte. Um estampido ecoou, ao longo do quarteirão. Sentiu a camisa umedecer, na altura dos ombros. Ondas intermitentes de frio percorriam-lhe o corpo. Um pouco de sua vida se esvaía, no líquido viscoso que gotejava do braço esquerdo. "É com a morte que se extingue toda a dor"... O coração batia, descompassado. Outro tiro. Acertado na coluna vertebral, junto à nuca, seu corpo despencou da janela do segundo andar e caiu na calçada, num baque surdo.

Um filete de sangue escorria na boca do sargento Klingsor, quando Mateus, momentos depois, passou apressado rumo ao hotel onde seu pai havia se hospedado. Acabara de cumprir um juramento. Por ironia, o destino colocara o inimigo em suas mãos.

O rosto do morto começava a apagar-se para a vida. Sua imagem, contudo, permanecia viva na memória das pessoas que mandara torturar.

Lazaro Torres *nasceu em Aracaju, Sergipe. Autor de argumentos, roteiros, fez direção de cinema, é fotógrafo, Contista, é autor de* Conto de Quatro Estações.

JOÃO CARLOS SALLES

TEORIA, RETÓRICA E FILOSOFIA

1.

O retórico silencia sobre a linguagem. Serve-se dela como se ocupasse o mais natural e puro dos lugares, e a inocência resultante do seu silêncio é sua maior arma.

O teórico deve cuidar de seus modos de expressão. Serve-se pois da linguagem como se quase não suportasse o seu peso, e a todo instante questiona a sedução que resulta deste seu esforço.

Aqui devemos separar o retórico da retórica, ou seja, a atitude de ilimitado esforço pela persuasão da atitude, consolidada em uma disciplina, de reconhecer que a persuasão independe da verdade e não tem qualquer objeto.

Também devemos separar o teórico da teoria, pois contra qualquer aparência não é o teórico quem seduz mas a teoria que obriga à sedução. A compatibilidade possível entre estas duas proposições não tolhe à última sua maior abrangência.

A retórica como disciplina é subversiva em face da persuasão, mas não por suprimi-la; ao contrário, mostra-a irredutível, mostra-a enfim inalienável a todo e qualquer uso da linguagem. A retórica então como disciplina não é retórica, é teoria das condições de possibilidade da eficácia da argumentação.

2.

A distinção entre teoria e retórica é subjetiva. Não há medida objetiva que demarque e estabeleça o uso da linguagem científica. E uma linguagem científica, que se admita como necessária para além de sua óbvia utilidade e se julgue justificada sem o esforço do debate e da persuasão, só não é retórica porquanto realiza a finalidade da retórica (a vitória teórica ou política) sem correr qualquer risco, pois suprime o meio onde a atividade retórica logra cumprir-se, ou seja, uma linguagem que se pretenda a priori justificada anula o contexto da argumentação.

A teoria, entretanto, deve justificar seus modos de expressão e cobrar a universalidade desta exigência mediante o próprio debate. Se a argumentação não se dá em condições ideais, se a veracidade dos interlocutores ou a verdade dos conteúdos proposicionais não se encontram a priori garantidas, se nem a existência de razões válidas para argumentar é prévia ou sequer certa a compreensibilidade dos conteúdos, só a argumentação ela própria pode todavia conferir clareza aos impedimentos. A simples condenação da retórica deve ser evitada pela teoria: é um expediente retórico, por sinal, muito eficaz.

Não é racional a destruição do contexto onde a racionalidade se forma ou pode medir-se. Assim, a preeminência da palavra sobre outros instrumentos de poder deve sempre ser garantida, porque condição comum e necessária da retórica (o que é evidente) e da teoria.

A palavra nunca é um simples dado. Não se pode abolir o risco de que nos manipule. Cabe, por conseguinte, à teoria apenas reiterar a dependência da verdade em relação a este artifício.

3.

Não há teoria sem retórica ou proposição que, por inocência, seja apenas verdadeira ou falsa. Dito de outro modo, não há enunciado cujo contexto discursivo não cuide da eficácia da

CYRO DE MATTOS

Três

O Marinheiro

Pela estrada de flor, luz e magia
O litoral ventava turmalinas
Ao menino bebedor de poesia
Que falava com as nuvens nas colinas

E à noite com sereia e pedraria
Nadava todo azul pelas ondinas.
Certamente uma miragem que havia
Sem saber do corsário nas esquinas.

O mar transpira claro nessa tarde,
Na voz que vem das águas sem alarde
Dizendo que na praia antigamente

O tempo conspirava no horizonte.
Se na manhã de azul era banhado,
Noturno o mar mirava o bem-amado.

poemas no Azul

Lado dos Ventos

No convívio deles
morenas singraduras,
voavam nos oiteiros
luminosos de praia.
Seu abano na praia
inventava alvijubas,
sustos esplêndidos,
na enseada beijos.
Pelas milhas do azul
colhendo rica escama
assovio de saveiros,
de palmeira meu sono
ao embalo translúcido
de luares e estrelas,
em recato suave
estava todo o infinito.
Ventos, outros ventos
de açoite contínuo
espalhando salsugem
por mares desunidos.
Que me ensinam esses
em seu baixo marulho
de espuma e nevoeiro.

Cais de Nilo Cardoso Pinto

Tu que és ave no canto companheiro,
Homem com sal nas costas africanas,
Clamor de ventos e de ondas inserenas
Ante as manhãs de açoite no veleiro.

Deixa irmão que eu te escute no lamento
Da cidade amada, no vento sul
Que agitado prefere a pesca igual
À morte arando a vida desigual.

No ilhéu vestido de limos e escamas,
Deixa então que eu diga sobre o momento
Sublunar escorrendo das espumas

Tua paixão e dor. Que de ti outros
Não conhecem esta angústia de rostos
Sem nomes, estas noites de cais tão mortos.

Cyro de Mattos nasceu em Itabuna, Bahia. Com vários livros publicados e dezenove prêmios, é formado em direito e jornalista.

PINTURA BURIT

enunciação. Aliás, grande parte do trabalho de leitura de um texto consiste no reconhecimento ou produção de um tal contexto; por isso mesmo, essa proposição deve figurar como postulado hermenêutico, significando a um só tempo recusa e aceitação da linguagem e seus jogos.

Se os fatos só se põem diante de nós ordenados por uma teoria, se as teorias enfim nos propõem a textura do Mundo, não há critério de distinção entre teoria e retórica exterior a alguma teoria, assim como não há Mundo exterior à linguagem que o enuncia. Deste modo, não há a teoria última das teorias, à qual estas sem conflito se subordinem; não há em suma um tribunal único e definitivo que, fora do contexto discursivo proposto pela teoria, possa decidir pela exclusão, por exemplo, do uso de "argumentos contra o homem", porque simples falácias de relevância.

Ademais, não há teoria que se determine sem o estabelecimento de critérios que a possam confirmar. A teoria pode até antecipar os experimentos que a refutariam, mas nunca prescindir de seu próprio modo de justificação. Do contrário, a teoria seria mais um objeto do Mundo, não se manteria em uma distância de princípio, aliás, só enunciável teoricamente.

Nenhuma teoria é porém superior à necessidade de dizer-se. Nenhuma teoria é retórica apenas por acidente. Assim, se um máximo de teoria pode ser a justificação retórica mais tirânica, um explícito elogio da retórica (como este) talvez seja um expediente teórico justificável.

4.

A justificação determina o filosofar, é uma das características constitutivas do trabalho filosófico, sendo o filósofo exatamente aquele que reconhece a presença pregnante da palavra. Sua própria subserviência é então corrosiva, porquanto procura razões mesmo para obedecer e justifica seja a obediência, seja a vileza, seja a covardia, com muitos considerandos.

Discurso sobre discurso, a paixão justificadora da filosofia é idêntica à sua tentativa de demarcar-se enquanto reflexão teórica. E assim, neste êxtase sem corpo, resistem os filósofos à linguagem.

João Carlos Salles é baiano, professor de Lógica e Filosofia Política. Tem publicado O Claro e o Obscuro, *na Coleção Casa de Palavras da Fundação Casa de Jorge Amado. O texto aqui reproduzido foi apresentado no Colégio Freudiano da Bahia, em 4/12/89.*

Maio/Junho

Sob o título **A Recepção da Literatura Brasileira na Alemanha Democrática, dia 3 de maio,** no Auditório do Campus da Universidade Federal da Bahia, numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado e do Instituto de Letras, o professor e tradutor Erhard Engler realizou palestra, programa levado também a cidade de Ilhéus, através da Fundação Cultural do Município, dias 15 e 16.

Dia **17 de maio** na sua sede, Largo do Pelourinho, foi realizada a exposição **Pintura em Toalhas e Guardanapos de Papel,** criação do artista Ronaldo Torquato.

De **21 a 25 de maio,** a Fundação Casa de Jorge Amado, Consulado Espanhol, Academia de Letras da Bahia e Centro de Estudos Galegos promoveram a **Semana da Galicia,** com uma programação integrando conferências, dança, música e culinária.
Semana da Galícia:
Dia 21 - 19:00 hs - Abertura 19:15 hs - Palestra: **A imigração e a injustiça social na temática poética do ressurgimento** - Profª Joselice Macedo de Barreiro — 20:00hs - Coral: Airiños do Tea
Dia 22 - 19:00hs - Palestra: **Os Galegos da Bahia** - Prof. Jeferson Bacelar 20:00hs - Grupo de Gaitas **Os Celtas** apresentando as músicas: "Muiñeira de Chantada" e "Alvorada de Veiga". — **Dia 23** - 19:00hs Palestra: **Romanceiro Tradicional na Galícia e na Bahia** Profª Maria del Rosário Alban. — 20:00hs - Cantos Tradicionais — **Dia 24** - 19:00hs - Palestra: **A Galícia - da região à Casa** - Arquiteta Maria do Socorro Targino Martinez — 20:00hs - Escola de Dança Folclórica do Centro Espanhol "A Aldeia" e "O Virapé"

Dia 25 - 19:00hs - Palestra: **Cervantes y la Libertad** - Plácido Cerrada, Vice-Consul da Espanha — 20:00hs - Grupo de gaitas - **Os Celtas** e os bailarinos Cristiane e Calixto 20:30hs - Encerramento

De **28 de maio a 1 de junho,** a Fundação Casa de Jorge Amado e o Museu Eugênio Teixeira Leal promoveram o curso **Como Organizar e Administrar Arquivos Empresariais,** com a Professora Hâmida Rodrigues Hellvy, constando o programa dos seguintes tópicos: O arquivo como instrumento de informação; Organização Administrativa dos arquivos; Sistema de registros; Implantação do arquivo empresarial; Sistema e métodos de arquivamento; Documentos técnicos-arquivos especiais; Arquivo inativo; Recursos materiais-arquivoeconomia; O arquivo e as técnicas modernas; Recursos do arquivo empresarial.

Dia **5 de junho,** a Professora e escritora Edilene Matos, realizou a palestra comemorativa do centenario de nascimento de Oswald de Andrade (1890/1990), **Oswald de Andrade, candidato do povo à Academia Brasileira de Letras/1940,** numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado, Fundação das Artes e o Centro de Estudos Baianos da UFBa.

em maio/junho o Departamento de Pesquisa e Documentação deu continuidade aos serviços técnicos - catalogação, classificação, indexação, tombamento - do acervo da Fundação e da obra de Jorge Amado. Neste período, realizou a pesquisa sobre o **ABC de Castro Alves,** livro de Jorge Amado, para a comemoração dos 50 anos de publicação e alunos universitários e escolares do 2º grau utilizaram a Casa para estudos.

Pesquisa

A Fundação Casa de Jorge Amado teve como convidado neste período, os professores Erhard Engler e Christina Engler, da Universidade de Humboldt, RDA, que vieram especialmente ao Brasil para conclusão da pesquisa sobre vida e obra de Jorge Amado, tema de estudo da tese e livro que será publicado na Alemanha. Durante a estadia na Bahia, o Professor Engler realizou palestra na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, e em Ilhéus, e concedeu entrevistas á imprensa.

Visitas

No dia **18 de maio,** os atores José Mayer e Paulo Betti, respectivamente Osnar e Timóteo, personagens do romance de Tieta do Agreste, livro de Jorge Amado, na adaptação para a televisão, estiveram visitando o acervo e a exposição da Fundação Casa de Jorge Amado.

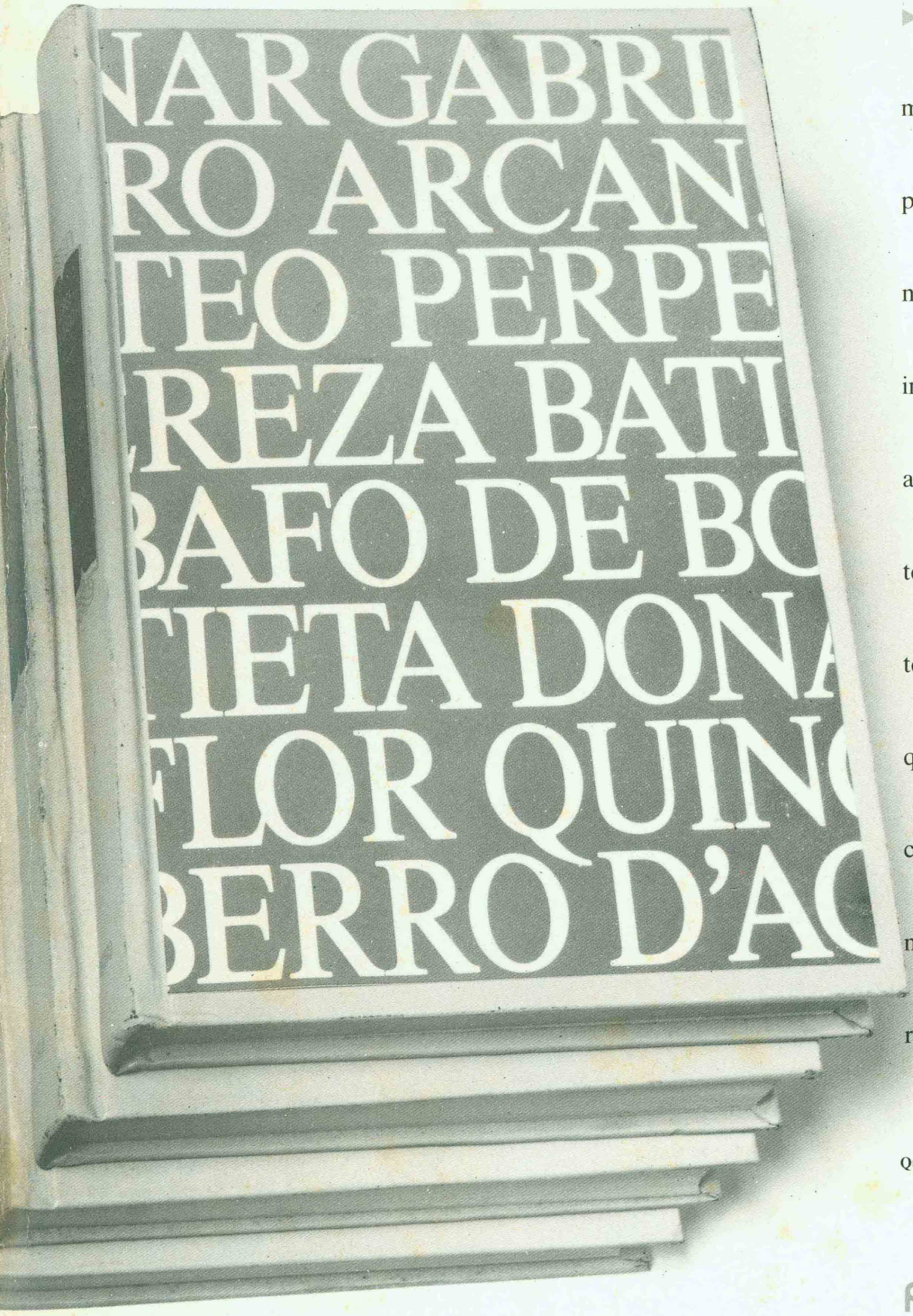
A Programação da Fundação Casa de Jorge Amado tem Apoio Cultural de:

ECONOMICO

BRADESCO

A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Doutor Jorge e a receita da vida eterna.



▶ Só mesmo um gênio como o nosso Jorge Amado para criar tantos personagens imortais ▶ Tipos inesquecíveis, capazes de atravessar as fronteiras do tempo e dos continentes ▶ Eternos, mesmo quando morrem, renascem cheios de vida na memória de seus fiéis admiradores ▶

Quem tem Jorge Amado tem mais Bahia.

Promédica

Quem tem promédica tem mais saúde.

Sistema Avançado de Cobrança Econômico.



PROPEG

Eficiência 4 gerações à frente.

O Econômico desenvolveu, e coloca à disposição da sua empresa, o mais avançado sistema de cobrança financeira do país.

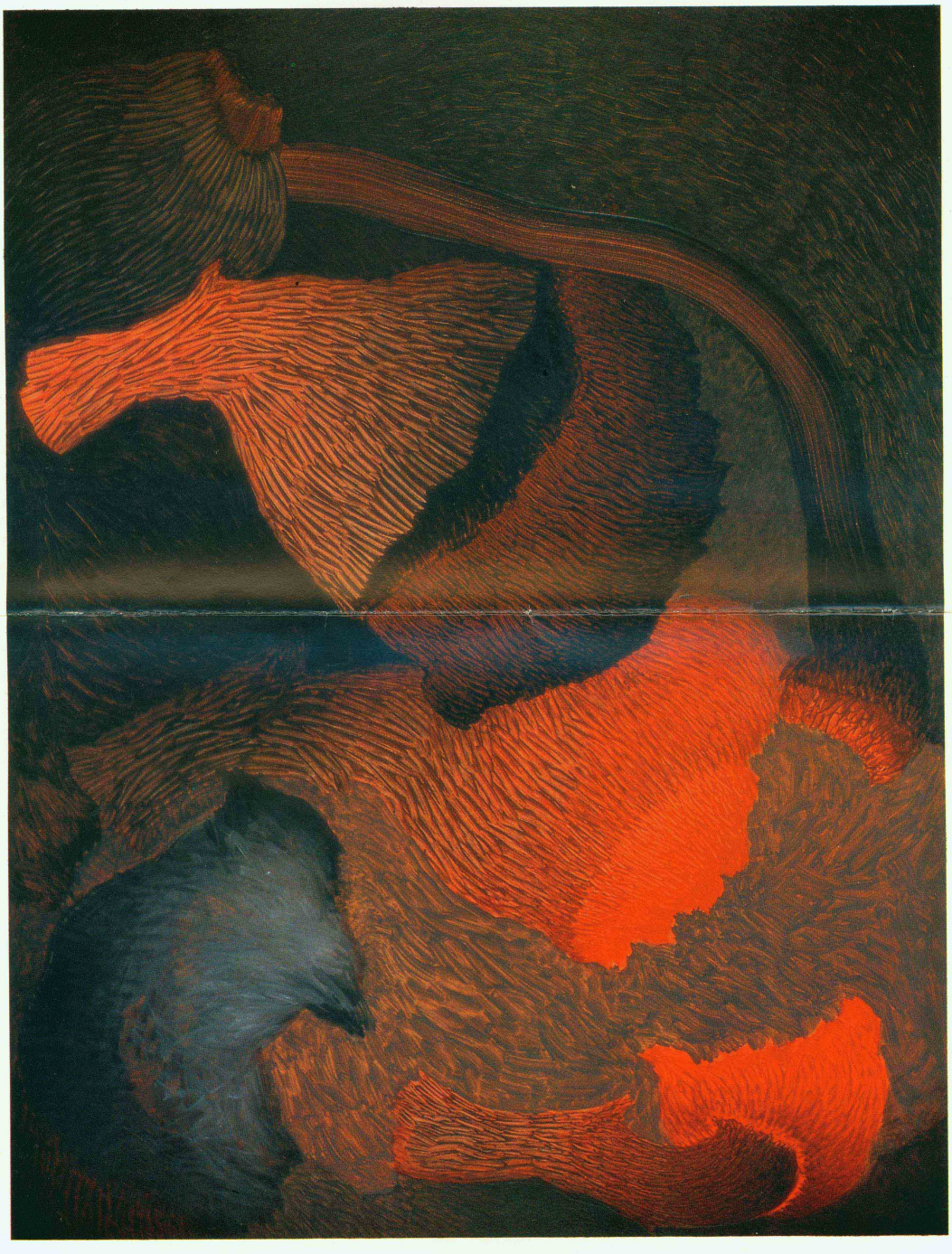
Um sistema integrado de multiprocessamento de informações, interligado por uma rede "on-line" com as agências do Econômico. Com o Sistema Avançado de Cobrança Econômico, você tem o mais eficiente controle da posição da sua carteira de cobrança.

E conta com uma equipe de gerentes especializada em cobrança para lhe dar um atendimento personalizado, orientar sobre as diversas alternativas de operação e sobre a que melhor atende às necessidades da sua empresa: Cobrança Direta, Escritural, Rápida, Automática e Simples.

Seja qual for a necessidade da sua empresa, seja Econômico. Você também vai estar 4 gerações à frente.

ECONOMICO

Seja Econômico. O melhor pra você.





1ª

o movimento do minuto, o comum, o momento do minuto, beleza que delícia, princípio do prazer, o minuto no minuto, aventura, risco, um tempo só num só tempo, momento do minuto, movimento, e todas as possibilidades de perguntas. mas seja o que seja não é, absoluto. assim vejamos: uns querem vida/outros pedem rima/digo prosa/e sem a mínima/máxima ou maldita/escrevo: flor/e a flor é/uma flor a flor é. (flor. sf. Bot.l.Orgão da reprodução sexuada das plantas superiores, e que, de ordinário, apresenta cores vivas e cheiro agradável). e pintas a flor e é necessário a cumplicidade para desvendá-la feito raiz, caule, tronco, forma vegetais, paisagens, e assim revelada flor ao olhar, flor diante do mistério, flor frente ao sonho, flor de tua/minha fantasia, flor da memória, torná-la óvulo, fecundação, criação, nascimento, flor fluindo religiosamente, arte, objetivando a visão para perceber novas regiões, seja através dos efeitos de luz - interno ao próprio ato de pintá-las -, seja a partir da própria pincelada - construção de tua emoção -, locais onde crês/cremos, algo além de mera pintura de uma flor, e, sim, flor, flor que é aventura, risco, prazer, beleza, movimento do momento do minuto.

3ª

Nasceu em Salvador, Bahia, 1939. Vinte e cinco anos mais tarde expõe na Galeria Querino (Ba). De lá para cá muitas individuais. A última: Dan Galeria (São Paulo, 89), e neste catálogo há: *artista voltado para a investigação da natureza tropical na qual ele identifica as raízes da criação, da gestação de um novo mundo e suporte para uma crença mística na beleza e bondade do mundo. É um artista de grande atuação na área da pintura, do desenho, da escultura e na construção arquitetônica de espaços habitacionais de caráter estético.* Com inúmeras coletivas no Brasil e exterior, teve publicado em 78, com texto de Clarival do Prado Valladares o livro 'Fernando Coelho-Desenhos', e está presente na publicação editada pela Volkswagen 'A Natureza na Arte'. Seus trabalhos em esculturas e painéis podem ser vistos em locais públicos, edifícios e empresas.

2ª

"(...) Nas telas há sempre uma aura, mandala, círculo, oval, uma espécie de útero que abriga e faz ressaltar as flores ou plantas. Algumas delas formam buquês de flores, cactos fulgurantes ou formas agressivas que parecem tentar fugir da prisão onde se encontram. A arte de Fernando Coelho tem algo de aflitiva, de ferozmente erótica com certas alucinações refletidas nas mandalas constantes. Sua complexidade é variada, embora haja sempre a presença de seu estilo pessoal. E qual seu estilo pessoal? Como uma impressão datilográfica, sua marca nítida é uma pincelada diminuta, nervosa, apertada e que ao mesmo tempo desenha, modela e transcreve.

Flávio de Aquino

Na pintura de Fernando Coelho nós encontramos os velhos elementos da pintura, desde a textura, a matéria incendiada pelo gesto e a carga pessoal do autor que não abdica de sua condição. Há, ainda, vestígios de seus últimos anos, flores, jardins imaginários, florestas despidas de sensualidade, mas cada uma destas manifestações, mais uma vez carrega-se de individualidade. Fernando Coelho, em cada novo momento, acentua a densidade de sua existência. Neste artista encontramos esta coisa tão rara, o aprofundamento da vivência e a visceralidade da existência. Contemplar este trabalho é entrar em contato com este universo de angústia e percepção do ser. É possível alinhar a obra de Fernando Coelho na rica tradição do expressionismo e citar os seus parentes espirituais já consagrados pela história. Mas não vale a pena fazer este percurso histórico. É mais importante contemplar o trabalho de Fernando Coelho e estabelecer uma impactante comunicação com ele. É, parece-me, a melhor abordagem e o contato mais precioso.

Jacob Klintowitz

O artista, por outro lado, não vê sentido em abandonar o seu jardim. Ele decifra os resultados da aventura artística moderna, seus planos, projetos, frustrações. Fernando Coelho quer, também, fazer da pintura instrumento de comunicação direta com os seus contemporâneos. Ele quer o seu trabalho como local de convívio das expectativas da arte desse século, organizadas, e decifradas, pela clareza de suas formas e cores. Três tempos num só tempo, o artista incorpora o tema clássico, a elegância das formas e das pinceladas ritmadas e fundo, a vibração das cores, num certo éclat típico de urbanidade pós-moderna Os elementos que se agrupam numa evidente relação comunicativa, a estrutura vertical e seus últimos trabalhos, indicando uma pintura menos comprometida com a prática do desenho, que se constrói através da própria pincelada, balizam os princípios da pintura de Fernando Coelho, ao mesmo tempo histórica e contemporânea.

Marcus de Lontra Costa

Ocioso seria, a essa altura da carreira de Fernando Coelho, destacar o seu virtuosismo técnico. Isso se evidencia nos mais mínimos detalhes sintáticos com que estrutura a composição de seus quadros há muito tempo. Contudo, é importante ressaltar como este apuro formal está a serviço, nele, da explosão de um mundo interior, não da simples arrumação de macetes pictóricos para agradar à vista do possível comprador, ou mesmo do crítico. Em sua pintura, numa evolução crescente a cada fase, Fernando Coelho conseguiu subjugar a técnica e fazê-la súdita de sua expressão interior - os objetos que lá estão não se fazem reconhecíveis por nenhum compromisso com a objetividade externa dos seres e das coisas; marcam-se pela vigorosa imposição do artista aos temas pois ele está envolvido neles.

Ildásio Tavares

Há nestas flores imaginárias uma monumentalidade que surpreende como seres vivos povoando mundos de fantasia recriados sobre uma realidade da qual o pintor se aproxima e se afasta em avanços e recuos que domina em sua interioridade. Ao mesmo tempo há algo nestas flores imaginárias, como um parentesco longínquo de uma raíz povoada de mística baianidade, que as une ao gigantismo exuberante da talha Barroca, impregnada de densa sensualidade tropical, prontas para um diálogo imediato.

Emanoel Araújo

Texto: Claudius Portugal
Foto: Adenor Gondim
EXU nº 15 - Fundação Casa de Jorge Amado
Salvador - Bahia - 1990
Não pode ser vendido separadamente
Poster: Encontro no Jardim,
90x120cm, acrílico sobre tela, 1990

OSWALD DE ANDRADE, CANDIDATO DO POVO À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS/1940

EDILENE MATOS

1990

Fundação Casa de Jorge Amado

EXU DOCUMENTO

nº 15



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente
Germano Tabacof

Diretor-Executivo
Myriam Fraga

EXU Documento
Coordenação Editorial
Claudius Portugal

Projeto e Supervisão Gráfica
Humberto Vellame

Revisão
Edilene Matos

Apoio Cultural
Banco Econômico - Bradesco

Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho, s/n, Salvador, Bahia.
CEP 40025, tel.: 321-0070

Oswald de Andrade, candidato do povo à Academia Brasileira de Letras/1940

"Por isto, as *Memórias* esclarecem a aventura lírica de Oswald de Andrade, gordo Quixote procurando conformar a realidade ao sonho".

(ANTONIO CÂNDIDO)

"Terrivelmente moço, resistentemente moço".
(GRACILIANO RAMOS)

Em pleno Estado Novo, 1940, a diretora de um dos mais populares programas radiofônicos de São Paulo, Helena Sangirardi, anuncia: Oswald de Andrade é o candidato do povo à Academia Brasileira de Letras.

Essa singular candidatura, em seu cinquentenário, constitui o ponto central do nosso trabalho, no ano em que se comemora, também, o centenário de nascimento do escritor Oswald de Andrade.

O Brasil estava em fase de Governo Provisório, entrando em profundas reformas em sua República recém-implantada. Nessa fase difícil de transição, 1890, literariamente em plena vigência do parnasianismo, com o culto da "arte pela arte", exatamente a 11 de janeiro, nasce, em São Paulo, na atual Avenida Ipiranga, nº 5, José Oswald de Souza Andrade, filho único de família abastada e para cujo nome "sabe-se lá por quais artes, inventaram um circunflexo americanizado - porque a gente que conviveu com ele, do amigo Mário da Silva Brito à filha Antonieta Marília, à rapaziada contemporânea de 22, todos o chamavam de Oswáld, puxando no "a" - quando não de Oswaldo, puro e simples"[1].

Em atitudes pessoais, na própria produção de textos, sejam eles em poesia, prosa, crítica, teatro ou jornalismo, o escritor esteve sempre às voltas com o aspecto da "demolição".

Mister se faz, portanto, registrar a nível de comportamento, o fato desse homem ter pretendido se candidatar a uma vaga para a Academia Brasileira de Letras, ele que foi o agitador e o "arauto" da Semana de Arte Moderna de 1922, "cujo decênio foi de capital importância na história do país, tanto a nível político, quanto literário: o episódio dos 18 do Forte, a fundação do partido comunista, a coluna Prestes, o tenentismo, a renovação espiritualista iniciada por Jackson de Figueiredo e logo fortalecida com a conversão de Alceu Amoroso Lima, o Centro Dom Vital, a eclosão de greves denunciando funda inquietação nas massas operárias, enfim todo um complexo de causas sócio-político-econômico-culturais desembocaria, como é natural, em movimentos renovadores, em mudança das estruturas vigentes. Andava no ar um clima de fronda e nessa corrente febril a revolução estética não se fez esperar: explodiria com fulgor inusitado na mornidão tropical, em fevereiro de 1922, sob o nome de Semana de Arte Moderna no saguão neo-clássico do Teatro Municipal de São Paulo"[2].

Em 1925, Oswald de Andrade, pela primeira vez, demonstra que tem, na rota do seu itinerário, um ajuste de contas maior com a Academia Brasileira de Letras. Para tal, faz uso de carta aberta "petulante e atrevida"[3] a pretexto de se candidatar à vaga de Alberto Faria, cadeira nº18. Essa carta é remetida à Casa de Machado de Assis em 15 de outubro do ano citado e noticiada pela imprensa, sem que o escritor desejasse participar dos processos da eleição para se tornar um dos seus membros efetivos, à medida em que não regularizou sua inscrição.

Na referida comunicação, Oswald de Andrade explica claramente as razões do seu pleito à vaga aberta:

> "Faço isto apenas para me opor à pretensão do ilustre Senador Antonio Azeredo de ser acadêmico brasileiro de letras. Quero que fique constatada em vossos Anais a atitude do Petit Trianon no julgamento de nós ambos como literatos. Há mais dois concorrentes. Somos quatro - todos humoristas - para uma só cadeira de homem sério"[4].

Mais adiante, acentua:

> "O Senador Antonio Azeredo - todos vós o sabeis - erra em gramática, erra em estilo, erra em colocação de pronome. Só acerta em política. Eu não erro porque não acredito em nada disso"[5].

Oswald de Andrade deixa entender em um dos parágrafos da extensa carta que, de início, há de renunciar ao seu subsídio em favor da família do operoso autor de *Aérides*. A carta, que representa um dos documentos de cruel sátira, leva no seu bojo trechos dessa natureza:

> "E como homem prático declaro desde já que, uma vez eleito, procuraria meter o bedelho nos negócios administrativos da Academia, promovendo medidas de alta justiça, que não compreendo como até agora escaparam à visão imortal"[6].

Também, "uma secção editorial, destinada à primeira passagem dos novos e a garantia de publicidade dos colocados, é medida urgente que se impõe"...

> "O montepio à família dos grandes escritores, a instituição de prêmios para os operários da pena e do tinteiro (ou da pena-tinteiro) isso então é dever piedoso".

E conclui:

"Senhores acadêmicos: dos vossos nobres escrutínios só pode sair a derrota de uma pretensão que não entra no meu feitio - todos o sabem. Eu de farda - (eu e mais do que eu, qualquer dos modernistas brasileiros solidários com a mocidade heróica de Graça Aranha) - é um anacronismo tão grave como Osório Duque Estrada de bicicleta"[7].

A correspondência, segundo Mário da Silva Brito, é dotada de certas vantagens. Nela, revela-se a visão da consciência profissional do escritor "gesto que cresce de significado em época de diletantismo, da gratuidade literária, quando a literatura era exercida também como processo indireto para obter vantagens pessoais, cargos ou situações políticas compensadoras"[8].

Passados 15 anos, o autor de *Serafim Ponte Grande* prepara-se para nova investida desafiadora à Academia Brasileira de Letras, agora inscrevendo-se e obedecendo, assim, ao regimento da instituição. Com a morte do poeta e prosador Luiz Guimarães Filho, em 19 de abril de 1940, abre-se na Casa de Machado de Assis vaga para a cadeira de nº 24, que tem como patrono Júlio Ribeiro. Inscreveram-se vários candidatos: Manuel Bandeira, Basílio de Magalhães, Júlio Nogueira, Menotti del Picchia, Berilo Neves, Martins Oliveira e Oswald de Andrade.

Esconde-se sob a candidatura de Oswald de Andrade o desejo primacial de realimentar um novo ciclo na sua inquieta e feroz demolição, reacentuando, como já fizera o movimento de 1922, o filão de críticas à instituição, que continuava a ser considerada um reduto de passadismo.

O escritor Oswald de Andrade envia uma carta-circular assinada aos membros do Petit Trianon, carta que, por sua natureza, iria criar ruidosos e maledicentes comentários, visto que o seu conteúdo é distribuído aos meios usuais de comunicação à época e que a divulgam com grande interesse jornalístico.

Em nossas pesquisas, fomos encontrar essa carta, datada de 22 de agosto de 1940, no arquivo do imortal Francisco Xavier Marques, ocupante da cadeira nº 28, e, hoje, pertencente à Academia de Letras da Bahia, por doação de sua filha, D. Ruth Xavier Marques. Ei-la na íntegra:

"Sr. Acadêmico Xavier Marques

Será V.S. uma das raras inteligências desse grêmio, que compreendem a atual situação do mundo e portanto a da própria Academia?

Ou será V. S. um dos membros da quinta coluna que, camuflados no fardão, sabotam aí dentro as magras conquistas do espírito brasileiro?

Passará pela cabeça de V.S., alertada pelo bombardeios contemporâneos, que o fim dos quarenta imortais que nas últimas décadas adormeceram o espírito francês "sous la coupole", pode ser um campo de concentração? Ou será V.S. daquelas teimosas velhas de Botafogo que ainda acreditam no pavoneio dos títulos literários, roubados aos verdadeiros trabalhadores da cultura? Neste caso, quererá V.S. que a Academia Brasileira de Letras seja um espelho Luiz XV dum grupo de arrivistas coloniais e suspeitos, pretendendo explorar uma multidão de analfabetos?

Ou quererá V.S. lealmente que o nosso povo se emancipe, participando afinal da vida intelecutal do país, como da sua vida econômica, jurídica e social?

Todas essas interrogações vêm nas dobras da minha candidatura a um "fauteiul" nessa casa. Sobre ela decidirá V.S. com a mentalidade que representa. O futuro

julgará essa eleição mais do que essa eleição me julgará.

Protocolarmente sou candidato ao voto de V.S. e com prazer me subscrevo.

Atº Obdo

Oswald de Andrade[9]

No arquivo de Xavier Marques, do mesmo modo, nos foi possível encontrar várias correspondências dos outros seis concorrentes: Menotti del Picchia* - em número de duas - a primeira, um telegrama datado de 20 de abril, somente um dia após a morte de Luiz Guimarães Filho; a outra, de 25 de maio, com o papel timbrado do Palácio do Governo do Estado de São Paulo, Diretoria de Propaganda e Publicidade, solicita voto para o 2º sufrágio, embora fique radiante com o 1º. Manuel Bandeira, 06 de junho, em poucas palavras, solicita voto:

"Sr. Xavier Marques

Tenho a honra de levar a seu conhecimento que estou inscrito candidato à sucessão de Luis Guimarães Filho, na Academia Brasileira de Letras. Tomo a liberdade de dizer-lhe que o seu voto muito desvaneceria este seu

Criado e admirador

Manuel Bandeirá

Rua Morais e Vale, 57

Rio"[10]

Júlio Nogueira, com duas correspondências: a primeira, de 27 de julho, chama atenção para o dia da eleição, a outra tem a data de 01 de agosto, onde faz uma nova solicitação de voto, Berilo Neves, solicita voto para o 2º ou 3º escrutínio.

A última correspondência enviada para à Rua S. José de Cima, 32 - Cidade da Baía - portanto, foi a carta-desafio de Oswald de Andrade.

Nessa eleição, segundo a ata da 29ª sessão de 29 de agosto de 1940, compareceram os seguintes imortais: Celso Vieira, Levi Carneiro, Clementino Fraga, Roquette Pinto, Adelmar Tavares, Afonso Taunay, Afrânio Peixoto, Alceu Amoroso Lima, Alcides Maya, Aloysio de Castro, Antonio Austregésilo, Ataulfo de Paiva, Barbosa Lima Sobrinho, Cassiano Ricardo, Cláudio de Sousa, Fernando Magalhães, Filinto de Almeida, Múcio Leão, Olegário Mariano, Oliveira Viana, Pedro Calmon, Pereira da Silva, Ribeiro Couto, Rodolfo Garcia e Viriato Correia. Enviaram votos onze acadêmicos ausentes: Xavier Marques, João Neves da Fontoura, D. Aquino Correia, Oswaldo Orico, Alcântara Machado, J.C. de Macedo Soares, Miguel Osório de Almeida, Rodrigo Osório, Carlos Magalhães de Azevedo, Guilherme de Almeida e, por fim, Otávio Mangabeira.

Recolhidas as cédulas, o Presidente da Academia Brasileira de Letras proclama eleito sócio efetivo da instituição o Sr. Manuel Bandeira, com 21 votos contra 7 para Berilo Neves, 5 Júlio Nogueira, 1 Basílio de Magalhães, 1 Oswald de Andrade, 1 voto não apurado[11].

Somente em 1970, tornou-se público que o único voto para Oswald de Andrade fora concedido pelo poeta Cassiano Ricardo, através do seu livro de memórias *Viagem no tempo e no espaço*. Confessa o autor de *Martim Cererê*:

> "Oswald teve o meu voto em 1940 e eu votaria de novo no seu nome ilustre e subversivo se ele tivesse querido formar com o nosso grupo um trabalho de renovação acadêmica"[12].

A candidatura de Oswald de Andrade à Academia Brasileira de Letras não ocorreu de maneira tradicional com cartas e aliciamento de visitas aos membros da Companhia. Recor-

* Menotti del Picchia retirou sua candidatura.

rendo a diversas fontes para melhor divisar o interesse do autor de *Os condenados* em diminuir o status de grandeza que a Academia conferia aos seus integrantes e acentuando o desejo de criar embaraços para os imortais, deparamo-nos com o Suplemento Literário da Revista *Diretrizes*, 1940, de grande prestígio à época, tendo nos seus quadros, entre outros, Santa Rosa, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, José Américo, além de diversos expoentes do jornalismo brasileiro como Joel Silveira, Francisco de Assis Barbosa e criada com o objetivo de combater a ditadura no Brasil, adotando uma posição firme anti-nazista e anti-fascista, sob o comando do grande repórter Samuel Wainer e com expressiva tiragem.

Nesse Suplemento, há duas entrevistas com Oswald de Andrade. A primeira, concedida em novembro de 1939, quando do seu regresso insatisfeito com o Congresso dos PEN Clubs, Suécia, confessando que, em Portugal, "nossos escritores modernos têm um grande prestígio, principalmente Jorge Amado e Graciliano Ramos"[13]. A segunda, de agosto de 1940, sob o título *Oswald de Andrade, Candidato do povo à Academia Brasileira de Letras,* da qual, agora, iremos transcrever alguns trechos pinçados e reveladores do seu espírito combativo:

> "Oswald de Andrade levanta-se rindo de sua cadeira e responde à pergunta de "Diretrizes".
>
> — Não, não espero ser eleito. Ainda não há paraquedas blindado.

Completa o seu pensamento com uma frase que define perfeitamente a situação da sua candidatura perante a Academia Brasileira de Letras:

> — O meu destino é de um paraquedista que se lança sobre uma formação inimiga: ser estraçalhado"[14].

E adiante:

> "Na sala de tangeniras e discussões a voz de Helena Sangirardi vem do rádio e abafa os ruídos:
>
> — "Oswald de Andrade é o candidato do povo à Academia Brasileira de Letras".
>
> Quem está falando é a diretora de um dos mais populares programas radiofônicos de São Paulo. É que a candidatura de Oswald de Andrade não se processa nos bastidores da Academia, no cambalacho dos votos suplicados, das promessas de eleição garantida a poder de citações elogiosas em artigos e livros. Que outra vantagem trouxesse aos meios literários a candidatura de Oswald de Andrade e esta bastaria para dar-lhe uma significação excepcional: ter rompido com todos os clássicos processos até agora usados pelos candidatos à imortalidade, processos que desmoralizaram as eleições acadêmicas que resultavam sempre de ligações políticas e sociais, de amizade, de cortesias e pequenos e grandes obséquios literários. Isso se tornou tão gritante que certos acadêmicos chegaram a pensar no estabelecimento de um novo processo de candidatura, processo que desmoralizasse menos candidatos e acadêmicos. Oswald de Andrade, com a sua candidatura, trouxe pela primeira vez uma eleição acadêmica para perto do povo das ruas, pelos jornais pelo rádio, pela importância da sua própria obra e de sua vida. E é ele mesmo que nos dá conta de como realizará a propaganda de sua candidatura:
>
> — A minha propaganda já se iniciou pelo rádio onde será feito um comício

no qual falarão diversos oradores. (Sabe-se que um desses oradores será o pintor e escritor Flávio de Carvalho, figura ligada às mais importantes realizações da arte moderna no Brasil). Terá uma plataforma, enfim, será uma clássica disputa de eleição para que não se extinga no Brasil essa tradicional tara"[15].

E sobre a candidatura anota:

— A minha candidatura é o resultado de uma vida polêmica que agora já atinge de perto o passado vencido. O Brasil não tem mais gente para suprir os quadros da paralisia senil que fizeram muito tempo da Academia Brasileira de Letras um asilo de impotentes"[16].

Indagado qual a sua opinião a respeito dos demais concorrentes, Oswald de Andrade explica:

"— Não sei quem são os Srs. Basílio de Magalhães e Berilo Neves. Júlio Nogueira sei que é um gramático. A Academia precisa de gramáticos para uso interno. Eu aconselharia a alguns acadêmicos tomá-lo como professor particular.

Faz uma pausa, acende o cigarro, e se aproxima do repórter:

— Conheço demais o Sr. Menotti del Picchia, digno de figurar em todas as Academias e em todos os museus. num como autor das "Máscaras", noutro como autor de "Juca Mulato", noutro como Herodes. Considero Manuel Bandeira grande poeta mas crítico fraco e pouco orientado. Talvez por isso mesmo ele seja eleito. No seu recente volume "Noções da história das literaturas" mostrou conhecimentos que embasbacarão os seus leitores. Evidentemente hoje ele é superior ao Sr. Tristão de Athayde e portanto a qualquer crítico da Academia"[17].

No tocante ao protocolo acadêmico e à solicitação de votos, o escritor esclarece, após longa gargalhada:

"— Pedirei os votos aos acadêmicos, como é protocolar, mas por carta aberta que será enviada pessoalmente a cada um e amplamente divulgada pela imprensa"[18].

Na longa entrevista, o repórter conclui:

"Na mão de Oswald de Andrade a candidatura acadêmica é um chicote a vergastar a Academia. Jamais o ramo de flores com que os outros celebram o seu namoro com a bolorenta glória acadêmica.

Acontece ao lado disso que Oswald de Andrade é, no Brasil, o maior escritor do seu tempo.

Realizou ele uma revolução no estilo da literatura brasileira, realizou com a "Trilogia do Exílio", com as "Memórias Sentimentais de João Miramar", com "Serafim Ponte Grande", uma obra novelística das mais importantes de nossa história literária, foi o chefe da cruzada pela libertação da poesia brasileira, nunca parou, andou sempre para diante, seu relógio esteve sempre adiantado no tempo".

E finaliza:

"A Academia Brasileira de Letras é muito pequena para conter Oswald de Andrade".[19]

As investidas do irrequieto e polemista escritor contra a Casa de Machado de

Assis é muito mais antiga que a sua própria candidatura oficial. No ano de 1939, 24 de abril, precisamente, na sua coluna "Banho de Sol", do jornal *Meio-Dia*, dirigido por Joaquim Inojosa, o alvo dos ataques recaiu nos poetas modernistas que haviam se tornado imortais, em matéria intitulada *A Traição dos Modernistas*, que apontamos, a seguir: "A adesão de Graça Aranha à revolução literária de 1922 não foi credencial suficiente para transformá-lo em um moderno. O que destacou foi o gesto e a visão clara de que a literatura brasileira cursava novos rumos. Gesto tanto mais apreciável, quando seguia de perto a composição de um livro mais ou menos cretino, confuso e velho que era a sua bagagem recente na vinda de Paris. De fato, a *"Estética da Vida"* parece uma entrevista do maestro Villa-Lobos posta em música pelo Sr. Renato Almeida. Mas o gesto foi notável e bastaria para colocar bem nas nossas letras. A sua sinceridade foi completa pois chegou ao cúmulo do proselitismo - querer converter o Sr. Ramiz Galvão ao manifesto futurista de Marinetti. Honradamente, ele saiu da Academia Brasileira de Letras, quando entravam alguns dos moços que o carregaram e o aplaudiram no cisma. Três desses moços, que tomaram parte ativa na campanha modernista, se bem que nenhum deles fosse exatamente fiel ao espírito de transformação que se processava, refastelaram-se, um em seguida ao outro, nas poltronas do Petit Trianon. Foram eles os poetas Ribeiro Couto e Guilherme de Almeida e o crítico Tristão de Athayde. Mas aderiram logo aos pontos de vista do Sr. Adelmar Tavares. Foi preciso que um quarto modernista, esse muito menos lustroso e embandeirado que os outros, viesse, somente agora com a sua entrada, reatar o que Graça Aranha começara, isto é, uma luta de renovação dentro de um cenáculo oficial: A Academia não se pode tornar um café literário cheio de Mussets e Verlaines, deve pelo menos arejar-se do bafio de parteiros, políticos e falsos literatos que a apinham. A atitude do Sr. Cassiano Ricardo, atacando a velha literatura dentro da Academia, merece especial atenção"[20].

E o próprio Joaquim Inojosa, em conferência na Academia Pernambucana de Letras, em 12 de dezembro de 1972, declara:

> "Ai do modernista que as cortejasse! Guilherme de Almeida recebeu o epíteto de "trânsfuga" porque em 1930 se decidira a conquistar uma das suspeitas poltronas da Academia Brasileira de Letras, embora acadêmico paulista desde 1928. Esqueciam de que a presença do mestre de *Raça*, no cenáculo machadiano, iria significar a conquista do primeiro ângulo da cidadela conservadora, depois completada pelas aparições triunfais dos menestréis Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Cândido Motta Filho, não sendo fácil julgar se mudaram os modernistas ou mudou a Academia"[21].

Aqui, fica muito patente que incomoda profundamente a Oswald de Andrade o fato da Academia ter levado para os seus quadros alguns modernistas. Sua preocupação com a presença do pessoal de 22 vestido de fardão acadêmico e tomando "o chá das 5" é tão excessiva que que o leva a denominá-lo "traidores".

O poeta Cassiano Ricardo, em verdade, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 9 de setembro de 1937, para a vaga de Paulo Setúbal, tendo sido recebido nessa Companhia por Guilherme de Almeida.

Em 1939, o autor de *Jeremias sem chorar* abre clareiras contra a sua Academia em depoimento concedido à Revista Diretrizes, que fez parte de uma série intitulada *Os intelectuais e os problemas da cultura brasileira* e que mereceu aplausos do poeta do manifesto antropofágico. Cassiano Ricardo lamenta que muitos bons escritores não se apresen-

tem às eleições acadêmicas e cita, dentre outros, Oswald de Andrade.

No ano anterior, em 1938, o mesmo Cassiano Ricardo consegue em luga ferrenha que o prêmio de poesia da instituição desse citado ano seja concedido a Cecília Meireles, pelo seu livro *Viagem,* fato que alegrou os modernistas. Convidada para falar na sessão de entrega do prêmio, Cecília Meireles não o fez, por não acatar a censura prévia imposta pela instituição ao seu discurso, com cortes de textos, suprimidos tão arbitrariamente.

Para melhor compreensão crítica das posições assumidas por Oswald de Andrade no tocante ao seu pleito a uma vaga no Petit Trianon, concluímos que algumas matrizes se encontram na conferência de Graça Aranha, de 19 de junho de 1924, sob o título *O espírito moderno,* assim como no projeto de sua autoria apresentado à instituição, em 3 de julho desse mesmo ano, para reforma de seus trabalhos e que recebeu parecer negativo do relator da Comissão da Academia, Sr. Mário de Alencar, o que determinou o seu afastamento da Companhia, através de renúncia, em 18 de outubro do referido ano.

Para acentuar, uma vez mais, o espírito zombeteiro e polemista de Oswald de Andrade, recorremos aos motivos de suas várias prisões e, dentre eles, destacamos a que ocorreu relacionada com o assunto de nossa comunicação: Oswald de Andrade ameaçou dar uma surra no poeta Olegário Mariano quando da posse de Guilherme de Almeida na Academia. Conta-nos Mário da Silva Brito, um dos grandes amigos do escritor rebelde, que Oswald "iria ao Silogeu escondendo um chicote debaixo da casaca. Nem chegou a ser propriamente prisão: a polícia deteve-o apenas pelo tempo necessário à realização daquela cerimônia festiva, com o objetivo de evitar estripulias que lhe empanassem o brilho mundano"[22].

Uma observação de Mário da Silva Brito parece nos dar a medida exata do relacionamento de Oswald com a Casa de Machado de Assis. Em *As Metamorfoses de Oswald de Andrade* anota:

> "Mas nesse homem gremial, como de si mesmo dizia, havia uma recôndita vocação para o convívio acadêmico, o anseio por uma academia mais viva e atuante, mas sempre academia. Não é sem motivação mais profunda que, por duas vezes, alguém se interessa em ser recebido "sous la coupole". Nem é sem tendência ao agrupamento literário acadêmico que se funda, em São Paulo, em 1929, por Oswald e Raul Bopp, além do Clube de Antropofogia, a *Antropofagia Brasileira de Letras*" [23].

Posteriormente, o mesmo Oswald teve a idéia de lançar a Academia Baruel, à feição da instituição criada pelos irmãos Goucourt e que atuaria como opositora feroz das Academias Paulista e Brasileira de Letras. O projeto, porém, não encontrou ressonâncias no grupo de jovens intelectuais que frequentavam a Drogaria Baruel, cujo Gerente era o escritor Amadeu de Queiroz.

Como me detive, apenas, no candidato à Academia Brasileira de Letras e suas façanhas em relação à instituição e não cabia espaço para o justo louvor do magnífico Oswald de Andrade, no ano do seu centenário, escolhemos como referência de beleza o que Pedro Nova nos deixou em *Beira-Mar,* seu 4º volume de memórias. De centenas de retratos, perfis e referências biográficas, acreditamos que nada suplanta a visão mineira do autor de *Galo de Trevas,* quando da visita do grupo modernista de 22 a Belo Horizonte.

> "Não foi sem ser de propósito que descrevi a entrada de Oswald na Sala do Grande Hotel como vulto dum Imperador Romano. Realmente ele tinha no todo maciço alguma coisa de tribunícia, proconsular, imperial e estatuário. Olhado de conjunto possuia longíquas analogias com o futuro

> *Abaporu* antropofágico de Tarsila e dava a impressão de diminuir debaixo para cima ou de aumentar de cima para baixo. Tinha a cabeça relativamente pequena, cabelos abertos ao meio, enquadrando fronte curta. Há retratos posteriores que mostram testa maior - já era a queda dos cabelos maduros e as entradas inexistentes nas fotos da mocidade. Vinha daí, o nariz sinuoso que está perfeitamente representado no óleo de Tarsila - que é a sua melhor imagem de mocidade. Boca forte, desenhada, larga e vidente. Queixo e pescoço e nuca de busto romano.
>
> No mais, é o homenzarrão de olhos verdes e riso triunfal, exuberante de gestos, largo de idéias, amante dos grandes vinhos, das comidas plantu-rosas, das boas mulheres, da poesia e da vida fortemente vivida"[24].

E, fazendo referências à Academia, Pedro Nova mostra-se conhecedor e solidário com as candidaturas do autor de *O Rei da Vela,* por considerar, da mesma forma, a Academia "Guarda Nacional intermitente da nossa literatura"[25].

NOTAS DE REFERÊNCIA

1 - FIORILLO, Marília Pacheco, In: *Oswald, o homem que sabia rir.* Folha de São Paulo, 20 de outubro de 1984, p. 20.

2 - MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. In: *Cem anos de poesia.* Letras e Artes. Rio de Janeiro, novembro/dezembro de 1989, p. 20.

3 - BRITO, Mário da Silva. *As Metamorfoses de Oswald de Andrade.* São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1972,

4 - Carta de Oswald de Andrade dirigida a Academia Brasileira de Letras em 1952. In: Brito, Mário da Silva. *As Metamorfoses de Oswald de Andrade.* São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1972, p. 99.

5 - Ibid. p. 100.

6 - Ibid. p. 100.

7 - Ibid. p. 101.

8 - BRITO, Mário da Silva. *As Metamorfoses de Oswald de Andrade.* São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1972, p. 102.

9 - Carta de Oswald de Andrade enviada ao acadêmico Xavier Marques, em agosto de 1940. Arquivo da Academia de Letras da Bahia.

10 - Carta de Manuel Bandeira enviada ao acadêmico Xavier Marques, em 06 de junho de 1940. Arquivo da Academia de Letras da Bahia.

11 - Ata da 29ª sessão da Academia Brasileira de Letras, em 29 de agosto de 1940.

12 - RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço/memórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1970 p. 140.

13 - Entrevista concedida por Oswald de Andrade ao *Suplemento Literário Diretrizes.* Rio de Janeiro, novembro, 1939, p. 16.

14 - Entrevista concedida por Oswald de Andrade ao *Suplemento Literário Diretrizes,* Rio de Janeiro, agosto de 1940, p. 8, 9.

15 - Ibid. p. 8

16 - Ibid. p. 9

17 - Ibid. p. 9

18 - Ibid. p. 9

19 - Ibid. p. 14

20 - ANDRADE, Oswald. A traição dos modernistas. In: *Jornal Meio-Dia,* Rio de Janeiro, 24 de abril de 1939.

21 - INOJOSA, Joaquim. *Os Andradas e outros aspectos do modernismo.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 240.

22 - BRITO, Mário da Silva. *As Metamorfoses de Oswald de Andrade.* São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1972, p. 87.

23 - NAVA, Pedro. *Beira Mar/Memórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1987, p. 185.

25 - Ibid. p. 187.

Apoio Cultural de:



ECONOMICO

BRADESCO